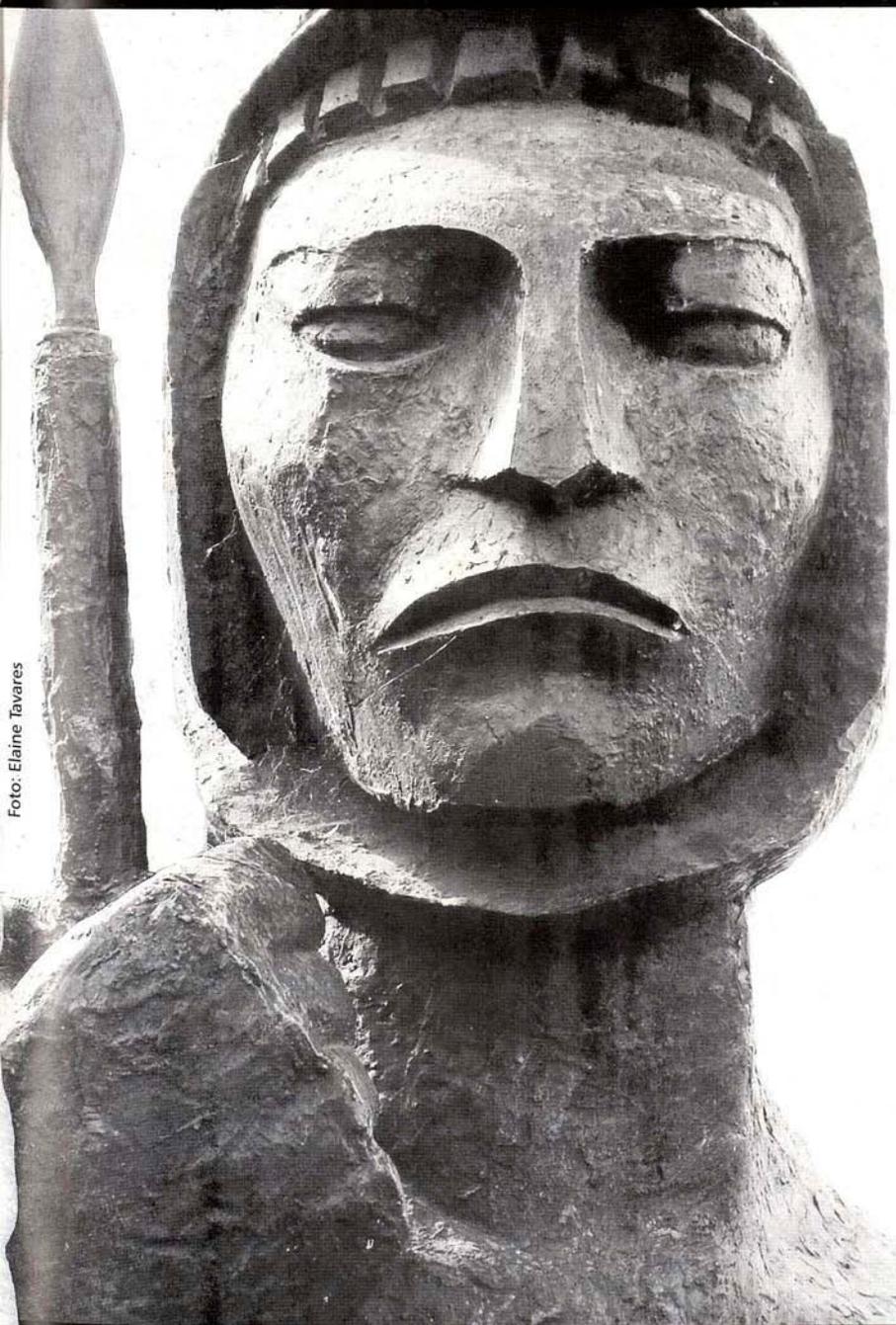


Florianópolis (SC)
setembro/outubro de 2009
Ano 4
Nº 20
R\$ 4,00

Pobres & Nojentas



Povos
originários
defendem
a vida e a
cultura no
Equador

Foto: Elaine Tavares

"Nojenta" é a pessoa que questiona velhos valores, cria o novo e persegue vida boa e bonita para todos



Povos
originários
defendem
a vida e a
cultura no
Equador

06 A palavra originária no Equador

- 04 Sobreviventes da Arte
- 12 Um ano da tragédia em Blumenau
- 14 Soy louca por ti América
- 18 A Amazônia está aqui
- 22 20 ações de liberdade
- 25 Soneto triste para Ana

Seções

- 03 Editorial
A Pobres resiste e insiste
- 11 Crônica
Hora da verdade
- 16 Crônica
À Mocinha (ou Chiquinha) com carinho
- 17 As delícias de Su&Li
- 23 Crônica
Cheiro de mar grosso
- 26 Tempo Livre
- 27 Poesia
Ela não se cansa

Para assinar Pobres & Nojentas

- Deposite o valor na conta do Banco do Brasil nº 618-714-5, agência 0016-7
 - Envie e-mail para eteia@gmx.net informando: data e hora do depósito, nome e endereço completo (com CEP)



5 edições ao ano
(bimestral): R\$ 25,00
(inclui as despesas
com o Correio)



Cooperativa da palavra libertária, criadora, caminheira. Não quer lucro nem fama. Sonha derrubar muros que separam e escondem aqueles que têm a sua palavra calada, mutilada, censurada, castrada, quebrada, torturada, em nome do lucro, do mercado, da competição.

Colaboraram nesta edição:

- Camila Bion de Assis
- Cláudia Reis
- Celso Vicenzi
- Elaine Tavares
- Fernando Karl
- Marcela Cornelli
- Míriam Santini de Abreu
- Raquel Wandelli
- Rosangela Bion de Assis
- Raul Fitipaldi
- Samira Moratti
- Sandra Werle

Edição

Elaine Tavares
(MTB/SC 00501-SC)

Endereço eletrônico:
eteia@gmx.net

Projeto gráfico, Edição e Tratamento de imagens

Rosangela Bion de Assis
(MTB/SC 00390-SC)
Sandra Werle
(MTB/SC 00515-SC)

Artes da *Pobrecita*

- Silva
- Eduardo Schmitz

Apoio Cultural

• Sindprevs/SC (Sindicato dos Trabalhadores em Saúde e Previdência do Serviço Público Federal no Estado de Santa Catarina)



Florianópolis/Santa Catarina

A *Pobres* resiste e insiste

Outro dia a Rosangela Bion, nossa diagramadora, num evento de jornalismo ouviu a seguinte pergunta enquanto tentava vender a revista: "Mas vocês ainda continuam?". É, a gente continua! Esta é a nossa *Pobres* número 20 e em 2010 entramos no quinto ano desta independente publicação. Apoiadas apenas na nossa vontade e no velho parceiro, o Sindprevs/SC. Coisa de doido, de insuportáveis seres que insistem em fazer jornalismo livres de qualquer amarra. A *Pobres* segue sim, e vai rasgando, tal como se propôs desde o primeiro número.

Aqui nestas páginas a gente traz a vida que faz o mundo girar, mas que

não acha espaços de expressão. Aqui se abrigam jornalistas que andam escondidos em órgãos públicos, universidades e sindicatos, também sem muito lugar para dizer sua palavra. Aqui falam as gentes que não aparecem em jornais ou televisões. Aqui o povo diz sua verdade sã. A *Pobres* é terra fértil, arada, preparada, pronta para gestar o novo. Esse esperado meio-dia!

Das entranhas do mundo originário, desde as selvas da Amazônia ou no olho do furacão, homens e mulheres contam suas histórias, apresentam suas lutas, reivindicam, sonham. É vida demais se esparramando nestas páginas. Por isso seguimos...

A cada edição da *Pobres* nosso grupo pensa em desistir. Porque sempre é um parto vender a edição, sem encontrar guarida sequer nos amigos. Mas, aí, alguém manda uma mensagem eletrônica ou diz que gostou desta ou daquela matéria, que viu na casa de um parente, que achou no sindicato. Ou a gente encontra um entrevistado que nos abraça e diz: – Como foi bom poder dizer... Ah! Isso não tem preço... Então, a gente se anima de novo e recomeça. Somos como a fênix. Re-vivendo sempre. Esta edição é nosso vigésimo re-começo. Esperamos que todos possam fruir e sentir o que sentimos. Essa vertente de vida das gentes de nossa Abya Yala.

Foto: Rosangela B. Assis



Juanita Cordeiro dos Santos Aune, representante dos Aposentados e Pensionistas Estadual do Sindprevs/SC, lê *Pobres & Nojentas*

Pobres & Nojentas tem Boletim Eletrônico

Cadastre seu e-mail em revistapobresnojentas@gmail.com para receber o resumo das notícias, reportagens, crônicas e artigos, além da agenda do movimento sindical e popular.

P&N no Orkut

Comunidade Pobres & Nojentas

No You Tube:

<http://br.youtube.com/PobresyNojentas>

P&N no twitter

www.twitter.com/pobresnojentas

Blog da revista teórica (comunicação e jornalismo)

<http://revistapobresnojentas.wordpress.com>

Blog da revista: <http://pobresnojentas.blogspot.com>

Sobre

Por Samira Moratti,
de Florianópolis

Dona Maria aprendeu a arte do crivo. Fazer brotar do tecido formas inimagináveis. Flores, quadrados, losangos, cada qual feito com pontos diferentes. Muitos o confundem com a renda, mas o crivo é só um parente distante.

Das 79 primaveras vividas por Maria Nunes da Silva, 69 foram e são dedicadas ao seu ganha-pão. Conhecida como Maria do Crivo em Governador Celso Ramos, Santa Catarina, a senhora com mãos de moça aprendeu com a mãe a dar vida ao bordado quando ainda era menina.

Quase diariamente, ela gasta uma hora de viagem para ir até Florianópolis, no prédio da Alfândega, mostrar um pouco de si aos nativos e aos turistas que lá visitam. Um pedaço da sua herança. Orgulha-se em dizer da atenção conquistada por admiradores de seu trabalho após ser personagem de matéria especial do jornalístico *Globo Rural*. Muitos deles do Brasil e do exterior. "Acabei de enviar um jogo de toalhas para uma moça de Minas Gerais, muito simpática", revela. Timidamente, tira da bolsa um pedaço de papel e pede para ler o endereço nele escrito: "Ipatatinga, Minas Gerais. Essa é a cidade da moça." Virgínia, nos Estados Unidos, foi outro lugar onde o crivo de Dona Maria ganhou visibilidade.

Quatro meses e muitas mãos amigas são necessárias para fazer crescer na trama uma toalha de

ventes da arte



mesa com cinco metros. Um gigante que invade a casa da Maria do Crivo. Por alguns dias, contempla o fruto de uma criatividade coletiva. Depois disso, o envia para embelezar algum canto qualquer do mundo.

Mas não é só do crivo de dona Maria que se cria artesanato. No Brasil, milhares de pessoas exercem o ofício para sobreviver. São quase nove milhões de artesãos, grande parte mulheres, de acordo com pesquisa feita em 2008 pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Tantas mãos somadas poderiam transformar o Brasil em referência mundial do ofício.

Barro, matéria-prima

No meio desse mundaréu de gente está Valdo Corrêa. Natural de Tubarão, região Sul catarinense, há 23 anos mora em São José, na Grande Florianópolis. O barro é sua obraprima. Com um punhado do produto na mão, vai dando forma ao que sua imaginação inventa. Com muito gosto, diz de onde nasce o artesanato sob sua ótica: "Esse tipo de trabalho não se aprende, se desenvolve. Os bons artesãos nascem com a própria técnica".

De suas mãos brota uma variedade de santos. O que mais ganha vida é Santo Antônio, o padroeiro dos pobres. Cada escultura é única. "O trabalho feito à mão é muito melhor, mas as pessoas

não dão valor. Só querem comprar produto industrializado. Aí não tem exclusividade nenhuma, né?", indaga.

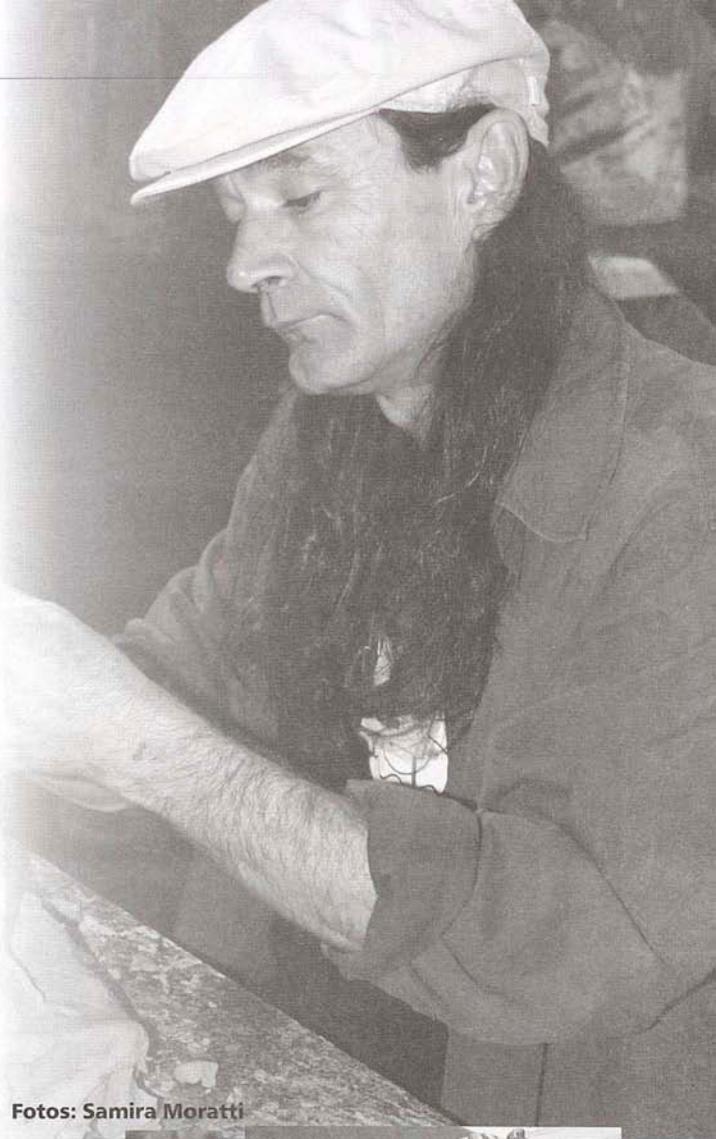
Tanto Valdo quanto Dona Maria unem a voz para fazer coro a muitas outras: falta apoio e divulgação do artesanato. "O público está além da cultura, preocupando-se com outras coisas e esquecendo a história e arte de sua comunidade, como o artesanato", desabafa o Santeiro. Maria do Crivo lamenta: "Acho que logo, logo, em minha região, a arte que faço irá acabar por falta de interesse da população".

Da mente surgem o bordado de Maria Nunes e também as esculturas de Valdo Corrêa. A mesma mente que questiona o iminente fim daquilo que os sustenta.

Os poucos eventos e locais nos quais estes e muitos artesãos se apresentam pelo país escasseiam. Mãos sozinhas, tão dependentes, carecendo de atenção do poderio econômico e político. Falecem com a ausência de interesse de uma multidão, perpetuada em seus desenhos, bordados, esculturas.

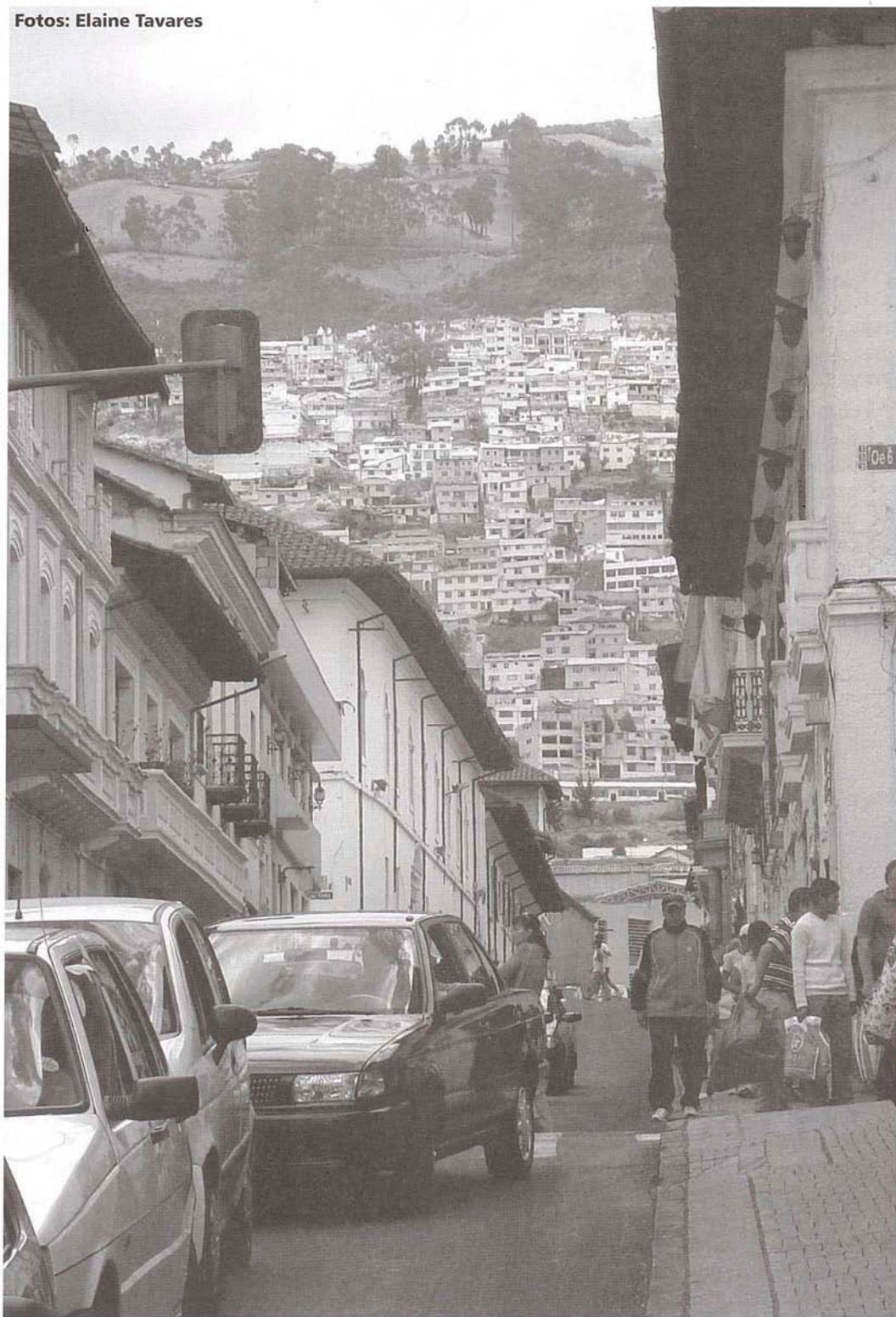
Deles, o apelo magoado da valorização do próprio suor ecoa timidamente. Ganha atenção vez ou outra, mas se perde. A eles seja dado o merecimento, a glória, os aplausos por serem sobreviventes da arte, a mesma que lhes dá o poder de mudar a realidade. Aquela que os possibilita criar um mundo mais colorido e bonito. Um mundo melhor.

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense



Fotos: Samira Moratti





A palavra

Desde o ginásio Ru miñahui até a sede da Confederação de Nacionalidades Indígenas do Equador (Conaie) são uns 15 minutos de ônibus. Toma-se o Ecovia que segue pela avenida Seis de Dezembro afora até o final, um caminho longuíssimo. Os ônibus são articulados e rápidos já que seguem por um corredor exclusivo. A passagem é 0,25 centavos de dólar. Além do que é domingo e o tráfego quitenho está um paraíso. Durante a semana quase não se pode andar pela cidade, por conta do número de carros circulando. Dizem que são mais de 500 mil automóveis e deve ser verdade, já que, apesar das largas avenidas, os engarrafamentos são uma constante.

Dentro do ônibus segue o povo, que é igual em qualquer parte do mundo. Carros lotados, gente apertada, numa cidade de dois milhões de almas. Uma mulher com uma criança no colo é completamente ignorada pelos que estão sentados e "la nave vá". É domingo em Quito e os funcionários do hotel recomendam que não se ande sozinha pelas ruas. "Há muitos marginais". De novo, tudo como em qualquer outro lugar do mundo. Verdades e preconceitos. Na parada recomendada desço e fico um pouco perdida. Não há viva alma na rua

originária no Equador

Por Elaine Tavares,
do Equador

Ando um pouco e logo vejo ao longe algumas mulheres, tipicamente quitenhas, com suas roupas originárias. Decido segui-las. Aperto o passo e as abordo. "Por favor, onde fica a Conaie?" Elas param e me olham desconfiadas. "Da parte de quem?" Começo a ladainha de que sou jornalista brasileira e quero conversar com o pessoal sobre o que está acontecendo na luta contra a Lei de Águas. "Conhece o MST?" Uff, estou achada. "Sim, claro". E passo a narrar as lutas dos sem-terra no Brasil. As mulheres, já mais tranquilas, se desarmam. "Venha. Estamos indo para lá".

A mítica Conaie, que reúne sob sua direção mais de três milhões de originários no Equador, é um prédio antigo pintado de um rosa desbotado, com um grande portão de ferro. Não há placa nem indicação de que ali está uma das mais importantes entidades do movimento originário da América Latina. Lá dentro estão dirigentes indígenas de todos os cantos do país, da serra, da costa e da Amazônia. Vieram para uma reunião na qual decidirão sobre o encontro com o presidente Rafael Correa. Mulheres e homens aguçam o olhar quando passo portão adentro. Uma rápida conversa, algumas explicações e logo se abrem todas as portas. "Vamos realizar uma reunião interna. Há muitas coisas que

resolver". Boa parte da direção da Conaie e da Ecuarunari estivera em Puyo, na área amazônica, onde se deram conflitos entre os moradores da etnia Shuar e a polícia, no dia 2 de outubro, por conta da luta dos originários contra a Lei de Águas. Os dirigentes tinham ido para um encontro envolvendo todas as comunidades ligadas à entidade. "É que é nossa prática ouvir todo mundo antes de tomar qualquer decisão". Um jeito muito indígena de organizar a vida.

A luta no Equador

Andando pelas ruas de Quito fica indistigável a cara originária da cidade e se entramos país adentro isso se torna mais forte. "Somos 45% da população", diz Gonzalo Guzmán, da Ecuarunari. Mas, segundo ele, muitos indígenas preferem negar sua raiz. "Se for ver o censo vão dizer que somos só uns 20%, mas não é verdade. Basta andar pelas ruas e pronto, já se vê". E assim é. Por outro lado, a questão indígena aparece como uma ondulação incomodativa na vida cotidiana. No mês de outubro, quando uma movimentação na região amazônica acabou em conflito entre polícia e indígenas, com um saldo de um morto (Bosco Wizuma, da etnia Shuar) e 40

feridos, não era outro senão este assunto a tomar conta das rodas de conversa nas universidades, nos bares, na rua. "Correa está sendo um bom presidente, mas ele não conhece o povo originário. Tem muito que avançar nesta parte", fala Lucho, um taxista de pouco mais de 30 anos, formado em Química. "O que passa é que nos vêem como índios, tudo igual, e não é assim. O povo da costa é diferente do povo da região amazônica ou da serra. Se os políticos não entendem isso, é seguro que se equivocam".

Nada podia ser mais verdadeiro. O conflito se deu na região amazônica, envolvendo basicamente a etnia Shuar, uma nação de longa tradição guerreira. Naquela terça-feira do 2 de outubro, eles decidiram fechar a ponte sobre o rio Upano, que interliga toda a província de Morona Santiago, na Amazônia equatoriana. Ações desta natureza, os famosos "paros", são comuns no Equador, por isso não havia maiores preocupações, afinal, as manifestações seriam pacíficas. Os originários estavam em luta contra a Lei de Águas que segue em discussão no país. Dizem eles que da maneira como está redigida, abre brechas para a privatização e isso vai contra os princípios constitucionais. Esperava-se então que as paralisações seguissem sem

maiores problemas. Mas a governadora da província, Sonia Ortega, decidiu enviar uma guarnição policial. Eram mais de 100. Para os Shuar, aquilo apareceu como uma provocação à guerra e daí para o confronto foi um estalo. Indignados com o operativo, os Shuar partiram para a defesa de suas posições. Nas mãos levavam seus tacapes e espingardas de chumbo, usadas comumente para a caça, visto que são um povo caçador. Nada de "armas", como dizia a imprensa no dia seguinte. Apenas seus instrumentos de trabalho. Confrontados pela força desproporcional, reagiram. O resultado foi um professor de 45 anos morto e 40 feridos, entre eles muitos policiais.

A grande imprensa equatoriana não difere em nada da grande imprensa de qualquer país capitalista. Com tremendo alarde, as manchetes apontavam para os conflitos, culpando os indígenas, obviamente, pelos fatos acontecidos. As fotos gigantes mostravam os rostos originários pintados de negro e em expressões ferozes. A mensagem subliminar aparecia bem clara. De novo, a barbárie indígena se sobrepõe aos interesses do país. O presidente Rafael Correa foi à televisão no final do dia lamentar os fatos e chamar para o diálogo. Também repetia velhas fórmulas de esperar a

catástrofe para comportar-se como estadista. É que os movimentos originários estavam há tempos discutindo que a lei tinha problemas e que havia que dialogar. Mas foi preciso um morto para que as portas se abrissem.

Água: expressão do sagrado

Entre alguns grupos de intelectuais críticos, ligados à universidade, a opinião era de que Correa havia dado uma "pateada", ao fazer declarações na imprensa dizendo que as manifestações eram inúteis e que a Conaie não tinha representatividade. Não mostrou tato. Tivesse agido de maneira menos prepotente, os protestos não precisariam acontecer. A lei é ainda apenas uma proposta, o que significa que é possível fazer mudanças. "O melhor era ter recebido os indígenas e escutado suas reivindicações. O movimento estava em descenso, e agora tomou corpo, vida, a ponto, inclusive, de os índios indicarem onde e quando vão falar com o presidente. Isso só fortalece o movimento", diz Manuel Salgado, professor da Universidade Central do Equador.

Nas ruas, a reflexão é igual. Verônica, uma vendedora de flores da Plaza Mayor, conta que é da etnia kichua, que gosta muito do presidente, mas que nessa questão ele se equivocou. "Devia ter escutado os índios antes. Nós só queremos defender a natureza". E aí reside toda a problemática. Para as comunidades originárias, a natureza não é uma

coisa que deve ser preservada para que sirva ao turismo ou qualquer coisa assim. A natureza é parte de sua própria identidade. Assim, fazer algum dano à natureza é como cortar a própria carne. Por isso estão em alerta. A nova Lei de Água apresenta sutis brechas que podem conduzir à privatização e, para eles, a água não pode nunca servir como algo a ser comercializado. Assim, embora o governo diga que a Constituição não permita a privatização, a lei explícita, no artigo 14, que a gestão da água pode ser pública, privada ou comunitária. Então, o que significa a palavra "privada" aí metida? Esta é uma questão que os originários querem esclarecer.

Neste contexto é muito importante que os tecnocratas que elaboram leis saibam que água tem uma significação extremamente importante, principalmente para a cultura Shuar, tanto que são chamados de povo das cascatas, porque é ali, nas quedas de água, onde cultuam seus deuses, fazem seus ritos e cumprem seus rituais. Assim, para eles, ferir a água é destruir o próprio povo. Além disso, sendo a água o espaço do sagrado, morada de Arutam, o deus supremo, tampouco pode converter-se em bem privado. É também da água que saem Shakaim, para ensinar as várias formas de trabalho, Tsunki, que entrega poder de cura aos xamãs, Uwi, que renova as frutas e animais e Etsa que auxilia na caça aos animais. Assim, compreendendo a cosmovisão Shuar, fica muito mais fácil entender porque a água é uma questão inegociável. Se, num Estado

que se auto-intitula plurinacional (o que significa respeitar a cultura, a organização e a gestão dos territórios ocupados pelos povos originários), esta questão não é levada em conta, fica muito difícil acreditar que as mudanças possam mesmo acontecer.

Outro problema que a lei pode trazer para as comunidades originárias é a parte que tem relação com a mineração. Seguir explorando minérios de forma extensiva nas terras comunais é colocar em risco a mãe terra e, igual, toda a vida que ali vive, inclusive chegando a contaminar a água, a qual já vimos que é fundamental para os povos. Os técnicos do governo dizem que, hoje, já existem técnicas avançadas de mineração que não contaminam a natureza, mas os indígenas não tem qualquer razão para acreditar nisso, afinal são mais de cinco séculos de enganação. Além do mais, sabe-se que as terras amazônicas podem ter muito ouro, o que atija a cobiça de muita gente. E cobiça é algo destruidor, basta pensar no que foi a conquista. Nesse sentido, para se fazer confiar, o governo de Correa precisaria avançar na compreensão de quem são os povos originários e sob qual cosmovisão vivem. "Existem muitos consensos entre nós e a proposta do socialismo do século XXI, mas em uma coisa nos diferenciamos radicalmente. Eles seguem apostando num modelo de desenvolvimento que esgota os recursos naturais. Nós não aceitamos isso. Há que avançar para um modelo que leve em conta a natureza".

Gonzalo Guzmán, Diretor de Recursos Hídricos da Ecuarrunari, afirma que as comunidades não estão fechadas ao diálogo com o governo, muito pelo contrário. Para os povos originários, quanto mais se puder avançar nas conversações, melhor. Afinal, por mais guerreiros que possam ser, não lhes é agradável entrar em conflito, como igual não é bom para ninguém. Assim que agora discutem como realizar este diálogo e em que bases. "Não queremos desestabilizar governos, nada disso. Sabemos que há avanços significativos no Equador, mas queremos ser ouvidos. Dizem que somos manipulados pelos políticos, mas isso só mostra o desconhecimento da nossa causa, que não é de hoje".

No Equador, as comunidades originárias estão organizadas em comunas. Elas são o centro da vida e é ali que tudo é decidido. São, ao todo, 3.700. Nenhuma decisão é tomada sem que toda a gente seja ouvida, por isso tudo é bem demorado. Logo depois do conflito que vitimou um professor Shuar, as comunas passaram dois dias a discutir e deliberar. Enquanto isso, outros grupos seguiam trancando estradas, pois a palavra esmorecer não consta no dicionário dos originários. Só no domingo, depois de ouvidas as comunidades, as lideranças voltaram para a capital, onde decidiram como iria ser a conversa com o presidente. Para eles, é fundamental que o governo trabalhe a partir de quatro pontos fundamentais: 1) que as províncias de Pastaza e Morona sejam declaradas

ecologicamente responsáveis e, por conseguinte, que cesse a exploração mineira e petrolífera; 2) que se potencialize a educação bilingue, 3) que se entregue às comunidades o título de propriedade dos territórios que ocupam e 4) que os projetos de desenvolvimento na região amazônica sejam administrados pela Federação Shuar.

O diálogo com o presidente

A segunda-feira começou tensa em Quito. Era dia de conversa. No palácio presidencial, uma grande mesa foi preparada para receber as lideranças das comunidades das três grandes regiões do Equador. Os 130 delegados entraram e outros dois mil ficaram no lado de fora, fazendo pressão. O presidente da Conaie, Marlon Santi, foi duro e exigiu respeito aos povos originários. "Não aceitaremos que nos chamem de loucos ou que digam que nossas manifestações sejam inúteis". E Rafael Correa rebateu: "Quem foi o estúpido que disse isso?" Ao que Santi esclareceu, olhando firme nos olhos do mandatário: "O senhor mesmo, presidente!" Ouviram-se risos e Correa fechou a cara. Outro momento de tensão ocorreu quando o presidente passou a interromper a fala de Humberto Cholango, da Ecuarunari. "O senhor escute, presidente, que quando o senhor falar nós escutaremos com atenção". Ninguém ali estava para brincadeira. Passada a tensão, governo e entidades come-

çaram a discutir a pauta. Os originários levaram 25 pontos de debate, inclusive alertando o presidente sobre alguns de seus assessores, apontados como "neoliberais", os quais nominaram.

Foram seis horas de um tenso diálogo que terminou com o consenso sobre seis pontos. 1) Impulsionar os princípios constitucionais que legalizem o Estado Plurinacional e intercultural; 2) que o diálogo entre originários e governo se dê em comissões com gente que tenha capacidade de mando; 3) se fomentará a educação bilíngue e as autoridades serão eleitas; 4) haverá uma comissão mista para discutir mudanças na Lei de Águas; 5) haverá uma comissão mista para investigar a morte de Bosco Wizuma; 6) haverá uma comissão mista para revisar a lei sobre a mineração.

As lideranças indígenas decidiram dar um voto de confiança ao governo de Rafael Correa e saíram com o propósito de suspender os levantamentos. Mas esta não é uma questão que tenha terminado. O tema indígena no Equador não é fácil de ser resolvido. Como em toda América Latina, o racismo é ainda muito grande e há receios de traição por parte dos brancos, coisa bastante comum quando se iniciam negociações. A história mostra claramente que sempre que os originários decidiram unir-se aos brancos, acabaram traídos. Por isso, os diálogos sempre se dão num clima tenso.

Já o movimento dos povos originários também está matizado com muitas correntes de

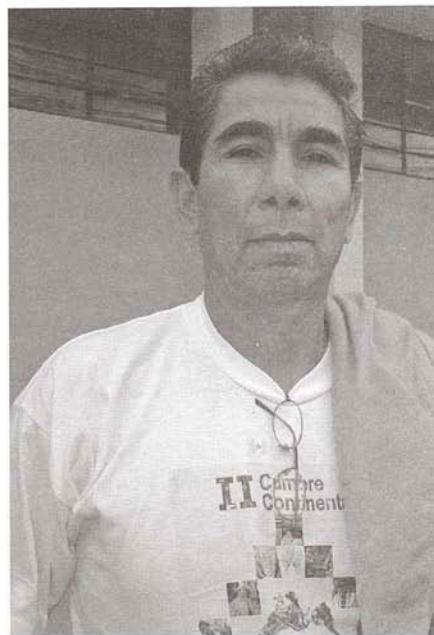
pensamento, algumas sobre as quais a direita avança. Há os comunistas, os socialistas, os da esquerda cristã. Algumas tendências são inclusive acusadas de "racistas" por dirigentes e intelectuais brancos e cholos (mestiços). Ao que Guzmán, da Ecuarunari, rebate com energia: "Racistas são os brancos que tentam nos manter submetidos desde há quinhentos anos. Quem diz uma coisa dessas mostra não ter a capacidade de nos conhecer".

O futuro

O fato é que as entidades mais etnicistas da luta originária tampouco descartam as propostas socialistas, até porque este tipo de forma de organizar a vida é muito parecido com sua organização ancestral. O poder está sempre na comunidade e na organização territorial. É ali, na comuna, que a vida se decide de forma participativa. Então, para eles, a questão política parece estar clara. O que ainda precisa avançar é o conhecimento dos brancos sobre sua cultura e cosmovisão. E, se a direita tem se incrustado neste nicho, abrindo brechas organizativas e políticas, a responsabilidade é de quem? Dos originários ou de uma esquerda que também se apresenta incapaz de compreender a complexidade do mundo originário?

Um exemplo bem claro das diferenças culturais pode-se ver na cidade de Quito. Apesar da grande população originária, a cada dois passos que se dê esbarra-se em uma

Gonzalo Guzmán



Manuel Salgado

igreja. São impávidas e espetaculares, representando a cultura invasora. Agora imaginem se a alguém ocorresse entrar numa delas e destruir as imagens dos santos e de Jesus Cristo. Que aconteceria? Qual seria a reação da sociedade católica? Pois essa é a expressão imagética do que hoje está acontecendo nas entranhas do Equador, provocando esta onda de protestos. Para os originários, contaminar a água com mineração e petróleo, privatizar a água que é um bem social, insistir num modelo de desenvolvimento predador, tem o mesmo significado de pisar e destruir seus deuses. Para as comunidades indígenas a água é espaço sagrado e não entender isso é não estar inteirado do que seja o novo Estado Plurinacional. Há, então, que haver por parte do governo e de toda a sociedade a compreensão sobre o significado das coisas nas comunidades originárias. Esse diálogo não pode estar medido unicamente pelas questões econômicas.

Uma coisa boa é que a Assembleia Nacional está formada em sua maioria por gente sensível às questões populares. É inegável que é

uma maioria aliada ao governo, mas ao mesmo tempo comprometida com as lutas do povo, daí a possibilidade de serem realizadas mudanças nas leis que forem questionadas pelas gentes, tal e qual fazem os originários agora.

É certo que no mosaico originário pode-se perceber a intervenção – por vezes também destruidora – de ONGs estrangeiras, de igrejas protestantes, de políticos de direita. Mas, nas entidades, as lideranças tem isso muito presente e frequentemente debatido. Os interesses que movem a questão indígena no Equador são muito diversos. No meio de toda esta polêmica está o fato de as terras amazônicas serem as mais ricas em petróleo e minerais. Então, o conflito pela gestão destas riquezas é frequente. O que os originários querem, dentro do conceito de Estado Plurinacional, é ter o direito de decidir sobre como explorar estas riquezas. “Ninguém quer barrar o desenvolvimento do país e muito menos apresentar teses separatistas, como as da gente de Santa Cruz, Bolívia. Nós só queremos poder decidir a partir da nossa cultura”.

Os conflitos deste novo Equador, hoje caminhando na trilha de mudanças estruturais, se dão sob uma complexidade política, econômica e cultural que precisa ser melhor compreendida. O presidente Correa ainda precisará superar muitos preconceitos, além da sua conhecida arrogância, assim como os originários também haverão de desfazer-se de influências fundamentalistas que vez ou outra permeiam algumas correntes de pensamento. Outro ponto é a discussão efetiva sobre o poder. Como passar da oposição ao poder? Como transformar a crítica em espaços criadores? Tudo isso é uma longa marcha para o futuro que só a gente do Equador saberá dizer onde vai dar. É por isso que nas ruas nervosas da grande Quito, cada herdeiro do mundo originário que caminha ligeiro, escuta, sussurrada no ouvido, a frase histórica de Daquilema Apu, fuzilado em 1872 por lutar contra o governo de Garcia Moreno: Shuya, mana kewaychu, ñuka churi.

“Esperem sem abaterem-se, filhos meus”... E assim é! Esta silenciosa força segue resistindo.

Revista Virtual

DESACATO

América Latina – Soberania e Paz

WWW.DESACATO.INFO

DESACATO.BRASIL@GMAIL.COM



Hora da verdade

Por Sandra Werle, de Florianópolis

Tenho uma confissão a fazer. Sei que muitos não vão me entender, alguns podem me condenar e alguns poucos, talvez, apenas balancem a cabeça com uma expressão de piedade nos olhos. Não é o tipo de declaração que se espere de uma mulher de 40, às vésperas de seu aniversário. Trata-se de revelação que pode não ser socialmente bem aceita, em dias como os de hoje, apressados, ocupados, cheios de responsabilidades e os mais complicados compromissos.

Sim, sim, precisei juntar coragem para me expor assim, diante de todos, bater no peito e dizer: é verdade! Claro que a receptividade – que eu espero – dos amigos e o conforto da família me auxiliaram na decisão. Me sentir amparada, nessa fase da vida, aliás, é um dos fatores que me levaram a esse momento...

Talvez a informação leve alguém a me olhar diferente, soltar um muxoxo ou limpar a garganta, contrafeito. É o tipo de confissão capaz de causar contrariedade, raiva, inveja, cinismo, ou, o que é pior, simplesmente provocar indiferença. Gosto de pensar que alguns se sentirão felizes e serão capazes de rir comigo. Sempre gostei de fazer rir e já tive alguns sucessos nisso.

Bom, cá estou a fazer rodeios, procurando a melhor forma de falar para aqueles que conheço há muito tempo,

que permaneceram na minha vida por todos esses anos, que foram capazes de encontrar em mim uma amiga, até mesmo quando desapareço por longos meses, sem dar satisfações; ou me ausento em momentos cruciais... Preciso me expor também para aqueles que mal me conhecem e não esperam esse tipo de revelação de alguém como eu, uma pessoa que faz parte das suas vidas por um contato profissional, funcional, ou por ser “amiga do cunhado da colega de trabalho” ou esse tipo de relação que se estabelece em nossa aldeia global. Sem falar nos estranhos, aqueles que vão ficar sabendo por que ouviram falar, leram na *Pobres*, receberam por e-mail ou, sei lá, souberam porque algum maluco publicou no blog... Enfim, expor-se, nos dias de hoje, é uma atitude que pode alcançar dimensões inesperadas.

Mas está decidido, é a hora da verdade e eu vou contar pra vocês. Quarenta e um anos, inseguranças não resolvidas, algumas dívidas na praça, pelo menos doze quilos sobrando, sem ter escrito livros mas tendo

semeado cravos, eu assumo: sou feliz! Não consigo evitar. Desculpem os que consideram loucura, perdoem os que atribuem a felicidade à ignorância e à alienação. Tenho preocupações sociais, tristezas existenciais, angústias econômicas, aflições e raivas trabalhistas... Mas tenho, acima de tudo, alegria de viver, vontade de acertar, energia para tentar, força de vontade para seguir em frente, saúde o suficiente para correr atrás e, agora, coragem o suficiente para parecer idiota e contar para todo mundo: sou feliz assim, sozinha e acompanhada, com grana ou com dívidas, com mais condições que muitos, com bem menos condições que outros, com muito de Poliana e um pouquinho de Gerson, enfim, sendo eu todos os dias.



Um ano da tragédia em Blumenau

Por Elaine Tavares,
de Blumenau

Em novembro de 2009 completou um ano da grande chuva que fez Blumenau derreter. Uma tragédia anunciada, visto que várias pesquisas e estudos de professores da FURB há muito denunciavam a fragilidade dos terrenos nas partes da cidade em que os morros desabaram. Mas, enfim, a desgraça baixou e mais de cinco mil pessoas ficaram sem suas casas, isso sem contar os que perderam a vida. Boa parte destas pessoas acabou levada para abrigos e todas esperavam que suas vidas voltassem ao normal, afinal, não foi pequena a ajuda que as gentes brasileiras deram aos desabrigados de Blumenau. Mas o que aconteceu foi bem diferente e um número muito grande de famílias ainda não tem um lar.

No dia 21 de novembro, um sábado, enquanto o prefeito da cidade, João Paulo Kleinubing, dava entrevista nos meios de comunicação de massa, falando da beleza da obra de reconstrução feita pela sua gestão, a cidade

real se manifestava em frente à catedral, tentando mostrar para a população que passava apressada para as compras, que há uma verdade escondida e que não aparece no jornal.

Quem passa pela área dos pavilhões da PROEB vê como a prefeitura foi eficaz na limpeza e na reconstrução. Tudo está bonito. “Na verdade, a grande massa do dinheiro foi para os empresários, donos das cervejarias, para o atendimento aos turistas na Oktoberfest. As pessoas mesmo de Blumenau, as que sofreram com o desastre e não tem renda suficiente para recomeçar ou parentes ricos, estão ainda nos abrigos”, diz uma professora da FURB. “E tem mais, esse povo não vai na Oktober. Esta é uma festa para turistas”.

Uma artéria importantíssima da cidade como a Rua das Missões está há um ano com uma imensa cratera e tudo o que foi feito pela administração foi uma marcação com cones para que os carros não caíam no abismo. “A

gente pobre segue como sempre foi. Abandonada”.

Na manifestação do Movimento dos Atingidos pelo Desastre (MAD) participaram famílias desabrigadas de Blumenau, de Gaspar e Ilhota. E o que se pode notar é o desespero de não ver sua voz expressa com o mesmo destaque que a dos empresários e político. “Por favor, não esquece de falar aí na tua reportagem sobre o pessoal de Gaspar, a gente tá abandonado lá”, pedia um jovem pai, massacrado pela ideia de que nunca mais vai poder ter sua casinha de volta. “Era simples, mas era minha”.

Os representantes do MAD falaram da área de ocupação, em Blumenau, onde estão as famílias que se recusaram a ficar nos abrigos, uma vez que lá sequer podiam se manifestar sem serem reprimidas pela vigilância da prefeitura. “Nós estamos ali na ocupação, todos os dias, resistindo, denunciando, ajudando as famílias desabrigadas, passando informações, organizando. A



gente só pára este movimento quando a última casa for entregue ao último desabrigado". Segundo os membros do MAD, restam ainda mais de 1500 pessoas sem casa e sem qualquer ajuda da prefeitura. Tudo é muito lento para os pobres. As prioridades são sempre para áreas mais visadas pelo turismo. Os abrigos provisórios vão se eternizando e as pessoas que lá vivem sequer podem fazer reuniões. São proibidas.

Os jornais que circulam em Blumenau como o Santa e o DC, ambos do Grupo RBS, deram destaque às obras de reconstrução da cidade, mostrando em infográficos tudo o que já foi feito. Mas, como é natural em veículos que não praticam o jornalismo e sim a propaganda, as obras que aparecem

como realizações da prefeitura são na sua maioria conclusões de obras já orçadas do Governo Federal. Tudo é computado como reconstrução do desastre, mas muito pouco do que está ali é coisa voltada para os desabrigados. Estes continuam tendo de se organizar coletivamente, com o apoio de sindicatos e alguns poucos políticos. Quem se atreve a andar pela Blumenau real imediatamente vê que o que dizem os jornais é só uma visão do poder. As famílias humildes que se concentraram em frente à catedral naquele sábado de chuva, com suas faixas e suas dores, precisam, além de lutar pelos seus direitos, enfrentar a terrível indiferença que já começa a se sentir por parte dos que voltaram à vida normal.

No geral, aqueles que conseguiram se reerguer seguem com suas vidas e, massacrados pela desinformação dos jornais, acreditam que os que ainda estão nos abrigos não se esforçam o suficiente. Numa cidade onde o conceito de trabalho faz parte da vida como uma segunda pele, esta idéia de que os desabrigados precisam mais é trabalhar fica visível no rosto dos passantes que, muitas vezes, se recusam até de pegar um panfleto.

E assim segue a vida nesta cidade de festas de outubro, chope e bandinha. Mas, nas suas entranhas, se move um povo que não pretende desistir. O desastre, com toda a sua dor, trouxe também o germe da luta para o vale. E isso já se espalha, lento, mas seguro!

Veja o vídeo do ato em <http://www.youtube.com/watch?v=mR-O1mrfgao>

Leia a matéria sobre o desastre em 2008: http://www.iela.ufsc.br/index.php?page=noticias_visualizacao&id=710



Fotos: Elaine Tavares





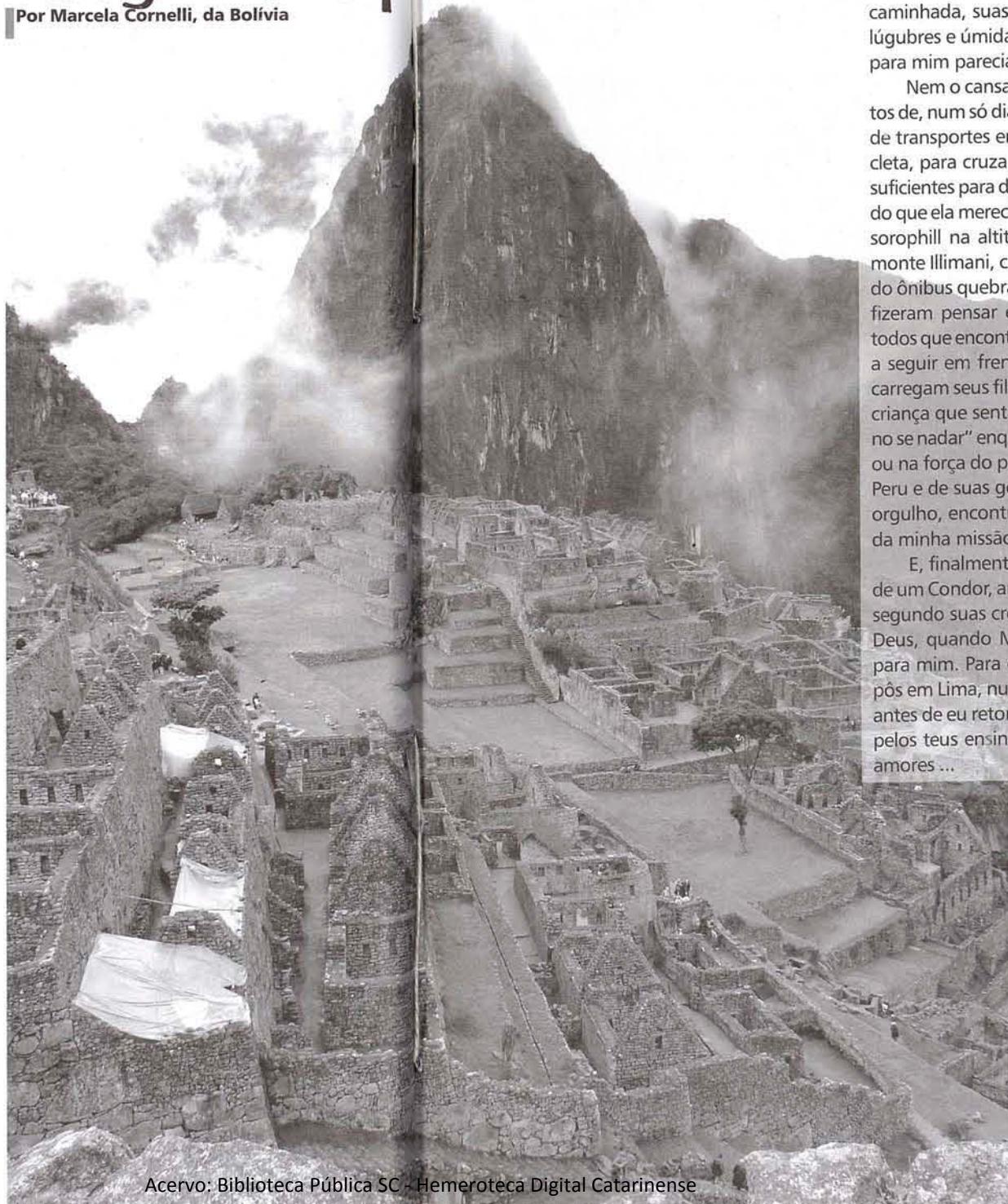
Soy louca por ti América

Por Marcela Cornelli, da Bolívia

Sou louca por tuas paisagens, pelo teu povo, pela tua história, pela tua língua, pela tua cultura. Sempre fui apaixonada por conhecer os caminhos da nossa linda América Latina ou Abya Yala - expressão que, na língua Kuna, significa "terra em sua plena maturidade", usada pelo Kunas panamenhos para se referir ao continente desde antes da chegada de Colombo.

Em 2005, embarquei por uma aventura no Deserto do Atacama no Chile com minhas amigas *Pobres & Nojentas*, Elaine e Míriam. Lugar misterioso em que fervilhava à cultura dos povos atacamenhos. Mas foi em janeiro de 2008 que realizei um sonho: chegar a cidade perdida dos Incas, Machu Picchu, indo por terra pelo interior da Bolívia. Foram onze dias até chegar a Machu Picchu, saímos de Florianópolis, eu e meu companheiro George, de mochila nas costas, carregando não muita coisa, não muita grana, só a vontade de conhecer as entranhas de nuestra América. Não sei se foi as cores da Bolívia ou o sol do Peru, os sabores da limonada vendida em sacos plásticos para aliviar o calor, o gosto dos cunhapês que comi pela viagem, o companheirismo dos bolivianos que seguiam caminho com as gentes vindas de todos as partes do mundo, se foram as trutas e a quinua num almoço em meio às ruínas de Tiwanaco, ou se foi a beleza do que restou do império Inca pelas ruas de Cuzco, o mercado de Las Bruxas pelas ruas de La Paz, ou a imensidão do Lago Titicaca e a beleza de um fim de tarde em Lima, mas algo me tocou bem lá no fundo e fez minha alma sentir-se em casa, em paz, feliz por estar ali em Abya Yala. Eu não me reconheço na aparência de origem européia.

Em mim habita algo como que uma necessidade de chamar-me latino americana, de estar ali entre os descendentes dos que resistiram e ainda resistem aos ataques do império, os quechuas e os aimaras, me senti mais do que nunca parte deles. Parte de um continente que foi berço de muita luta e resistência que embalou nos braços os sonhos de Simón Bolívar, Che Guevara, José Martí, Pablo Neruda, Victor Jara e de tantos outros ícones da nossa pátria tão querida. Não me identificaria tanto em outra parte do mundo. A América Latina se mostrou para mim nesta

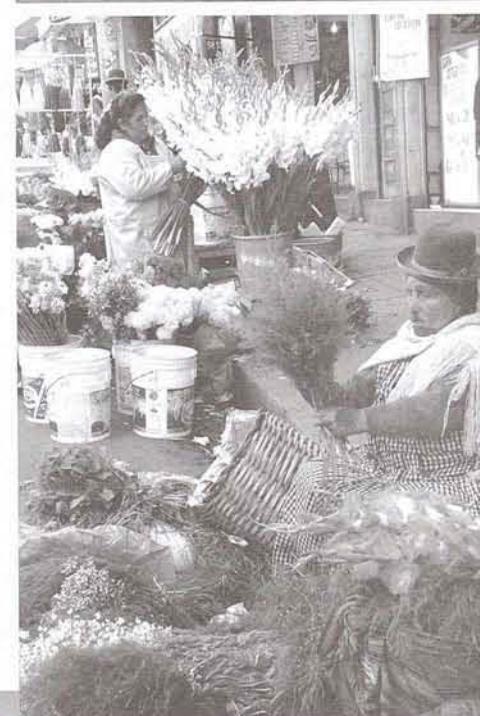


caminhada, suas gentes, seus cheiros, as noites lúgubres e úmidas ao pé de Machu Picchu, tudo para mim parecia perfeito.

Nem o cansaço da viagem, nem os imprevistos de, num só dia, trocar inúmeras vezes de meio de transportes entre vans, ônibus, barcos e bicicleta, para cruzar a fronteira Bolívia/Peru, foram suficientes para deixar a viagem com menos graça do que ela merecia. Nem as náuseas curadas com sorophill na altitude de La Paz, protegida pelo monte Illimani, coberto de neve, nem a angústia do ônibus quebrar várias vezes pelo caminho me fizeram pensar em desistir. A solidariedade de todos que encontrei e estavam comigo me ajudou a seguir em frente. No rosto das mulheres que carregam seus filhos pelos caminhos, no rosto da criança que sentava ao meu lado e me dizia "yo no se nadar" enquanto atravessávamos o Titicaca, ou na força do povo de Tiwanaco, na história do Peru e de suas gentes que falam dela com tanto orgulho, encontrei mais forças para não desistir da minha missão.

E, finalmente, me imaginei voando nas asas de um Condor, animal sagrado para os Incas que, segundo suas crenças, tinha contato direto com Deus, quando Machu Picchu se revelou inteira para mim. Para completar meu destino o sol se pôs em Lima, num espetáculo digno dos deuses, antes de eu retornar ao Brasil. Obrigado América pelos teus ensinamentos. Continuo louca por ti amores...

Fotos: Marcela Cornelli



À Mocinha (ou Chiquinha) com carinho

Fotos: Leopoldo Nogueira e Silva



Por Cláudia Reis,
de Florianópolis

Tomava o café da manhã no salão Primavera, almoçava nos restaurantes da rua - muitas vezes complementando o rango no Restaurante Universitário da UFSC - passava as manhãs e as tardes na MedCão - do lado de dentro do balcão, é necessário frisar - jantava no lega, fazia uma hora na Vídeo Plus, onde tinha um tapete cativo, e dormia nos canteiros da casa dos meus pais.

Apesar dos cerca de treze anos, raramente deixava de praticar suas caminhadas matinais ao redor da Universidade, em companhia dos meus pais. Andar pela UFSC ela podia fazer à hora que queria, mas gostava mesmo é de passear acompanhada. E de tarde, novamente saía com eles e com seus cães, para outro passeio na Universidade. Ouvia os latidos de dentro da casa, anunciando que estavam se aprontando para a saída, e se juntava ao coro da rua, alegre e ansiosa, já espirrando por antecipação devido ao óleo de citronela usado nos cães da casa para espantar as pulgas.

Sempre que encontrava os três, de manhã, ela nem me dava bola, assim como na maioria das vezes em que nos víamos. Eu conversava com meus pais e ela seguia em frente e parava, com uma cara de impaciência.

Se fazia de surda e ceguinha assim como muitos velhinhos: quando a ocasião pedia. Mas escutava e enxergava muito bem se era preciso. Diziam que um dos indícios de que estava ficando senil é que latia para a rua movimentada, à espera de que os carros a deixassem passar. Aí então atravessava. Às vezes ficava cinco minutos do outro lado da rua e depois voltava.

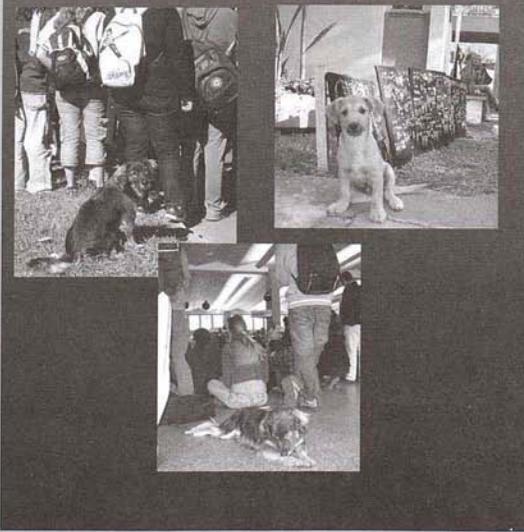
Não era só aos humanos que

dirigia seu ar de indiferente: aos cães da UFSC também mostrava quem mandava, simplesmente por ignorá-los quando vinham correndo em sua direção. Aos que lhe incomodavam fisicamente, tanto homens quanto cães, latia alto, mas raramente ameaçava uma mordida.

Tinha marcas como os que, como ela, têm na rua o abrigo, um tanto por falta de escolha, outro tanto por convicção, como uma orelha menor que a outra, devido à complicações causadas por uma bicheira. A cicatriz da esterilização só conquistou tardiamente; ela deu à luz uma meia dúzia de vezes.

Quis o destino dos homens - sempre ele! - que ela se fosse depois do Dia Mundial dos Animais, e fico me perguntando se Mercedes Sosa não teria chamado alguns de seus pares - assim como a contestadora e corajosa Mocinha - para lhe acompanhar. Acho que era feliz porque não passava fome mas, principalmente, porque tinha liberdade de ir e vir. Não penso que agora ela viverá livre, já que sempre levou seu corpinho aonde queria; me consola imaginar que finalmente estará sim livre dos maus tratos dos homens.

Ainda que não me devotasse especial simpatia, uma das últimas vezes que nos vimos ambas estávamos saindo da Universidade. Ela com seu passo arrastado de idoso, eu com pressa. De repente, desandou a correr e me ultrapassou, se virando para mim de quando em quando com olhos sorridentes. É que ela tinha me reconhecido como aquela que passeava com a matilha. É essa a melhor imagem que vou guardar da Mocinha.



Cachorros que circulam no Campus são chamados de Ulfescães.



as delícias de **Su&Li**

Chuva é sinônimo de torta frita

Imagine uma casa com seis crianças, uma mãe que passa quase o ano inteiro cuidando de tudo sozinha e um pai, Comandante da Marinha, que quando chega transforma a rotina da casa em verdadeiras férias para todos. Essa foi a realidade da minha infância e início da adolescência.

Meus primeiros anos de vida, em Montevidéu (Uruguai), minha terra natal, não estão claros na minha memória. Misturo alguns sentimentos daquela época com outras, como na Colômbia e em seguida em Joinville, quando minha mãe resolveu retornar definitivamente para o Brasil.

No entanto, há um cheiro, um aroma, uma lembrança muito forte que me remete aos dias de chuva na casa de Punta Gorda, bairro da capital uruguaia onde vivemos a maior parte do período por lá. A chuva para meu pai era sinônimo de 'torta frita', um biscoito simples e que hoje provoca arrepios aos adeptos de uma alimentação saudável.

A 'torta frita' era um acompanhamento comum nos fins de tarde, servida com chá, café ou o tradicional mate. Não era raro ver o biscoito ser vendido também nas praias uruguaias. Na época dos 'tupamaros', os rebeldes batalhadores pela democracia da década de 70, a crise assolava o país e a 'torta frita' era feita como substituta de outros alimentos pela simplicidade dos ingredientes.

Enfim, o biscoito continuou na minha família mesmo no Brasil. Ultimamente não tenho mais visto meu pai pedir com tanta frequência, talvez pela facilidade em ter outras opções na padaria da esquina da sua casa. Mas cada vez que chove à tarde e estou em casa, a lembrança é natural, meu pai gritando com animação "Que tal torta frita???" e lá ia minha mãe para a cozinha preparar uma quantidade dependendo do número de filhos em casa. Alguns ajudavam, outros beliscavam e no final todos provavam.

Deixo a receita para quem quiser arriscar e também deixo a dica: depois caminhe ou corra alguns quilômetros para queimar as gordurinhas!!

Conhecer pessoas é como conhecer sabores: alguns somem da memória, outros permanecem por serem muito bons, ou então muito ruins... Bons amigos são como bons vinhos, trazem sabor à vida. É o caso da jornalista Sara Caprario, uruguaia/brasileira com um coração cheio de temperos e um sorriso sempre pronto. Sara brindou a coluna com este saboroso relato:



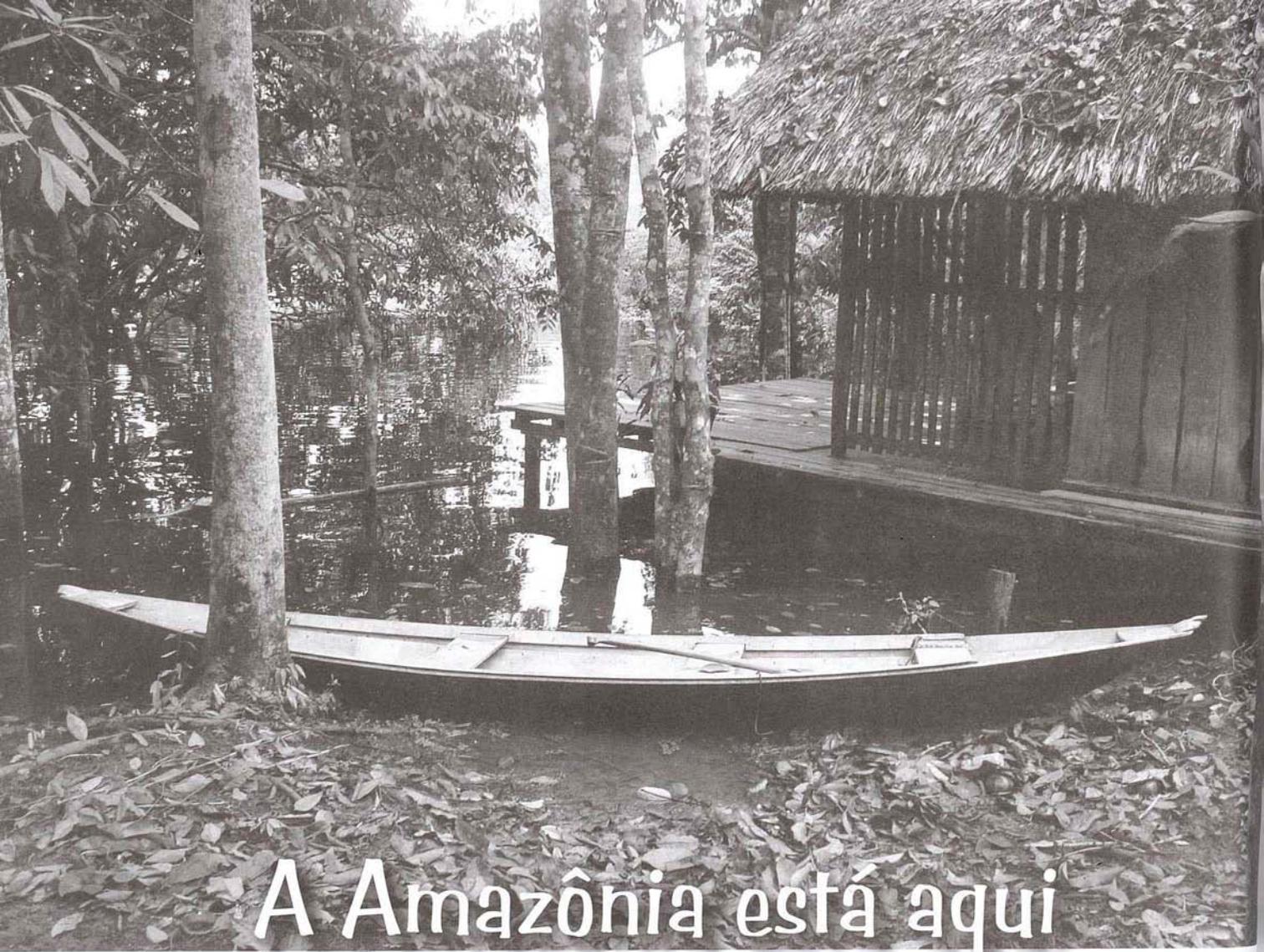
TORTA FRITA

Ingredientes

200g de farinha de trigo
60 ml de leite ou água
50g de manteiga (no Uruguai usava-se gordura hidrogenada)
1 colher (chá) de sal

Modo de fazer

Misture a farinha e o sal, depois vá acrescentando o leite (ou água) e a manteiga. Deixe a massa bem lisa e faça bolinhas com a mão. Com a ajuda de um rolo, abra as bolinhas em forma de disco com cerca 15 cm e 2mm de espessura. Abra um pequeno buraco no meio do disco e depois frite em óleo bem quente. Escorra em papel absorvente e polvilhe com açúcar e canela a gosto.



A Amazônia está aqui

Por Raquel Wandelli,
de Manaus;

Fotos: Raquel Wandelli

A fogueira morria pouco a pouco; as labaredas eram, agora, pétalas duma grande e caprichosa flor, que iam murchando, vagorosamente, ao centro dos escombros. O clarão perdia terreno; já não se via o bananal, apagavam-se ao longe, os contornos da selva, o rio fundira-se na noite e os troncos cinzentos das três palmeiras começavam a vestir-se de luto. Quando chegasse a manhã, derramando da sua inesgotável cornucópia a luz dos trópicos, haveria ali apenas um montão de cinzas, que o vento, em breve, dispersaria... (A Selva, Ferreira de Castro)

Igarapés e igapós, seringueiras, castanheiras, macucos e tucumãs, luxo e ostentação, conforto e miséria, ócio e traba-

lho extenuante, natureza selvagem e engenho humano. Entre as águas espelhadas do Rio Negro, o chão de terra batida dos quintais caboclos e o mistério da floresta amazônica, a visão do Museu do Seringal Vila Paraíso fascina os olhos e o espírito desde a chegada. E de cara estabelece a divisão entre uma elite de senhores coronéis e um exército de nordestinos ludibriados e explorados como escravos em pleno início do século XX. A visão exuberante e o seu impacto no imaginário histórico não abandona o visitante em todo percurso que o local oferece pelos corredores do Brasil no ciclo áureo da borracha - áureo para alguns, sinistro para tantos outros. Em menos de meia hora de viagem partindo de uma Marina do Igarapé Tarumã-açu em

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Manaus, deixamos o barco, seguimos pelo cais de madeira e adentramos o quintal dos casarões do seringal. Como se um mergulho no túnel do tempo deixasse em suspenso e para trás o país high tech, embarcamos em uma viagem realista pela epopeia amazônica, que chega a cheirar a sangue, suor e glória, de tão viva e verdadeira.

Só por contingências históricas, a fazenda na boca do igarapé São João, afluente do Tarumã-Mirim, à margem esquerda do rio Negro, não foi de fato o seringal que hoje simula. O local tinha todas as condições para sê-lo, mas foi preterido para áreas mais próximas do Pará, para onde confluíam outras atividades comerciais. A extração da borracha ficou restrita à ação esporádica de algumas famílias vizinhas de ribeirinhos. Na entrada de chão batido e roseirais, ergue-se a imponente residência do coronel versão tropical - avarandada e alta para proporcionar aos seus habitantes a melhor vista da praia e da movimentação humana que precisava ser vigiada. Ao lado direito, a estrebaria, simulando o funcionamento de um grande tapiri (abrigo) para trabalhadores e visitantes não ilustres que se amontoavam em redes para dormir. Os seringueiros se alojavam mais para dentro da floresta, em cabanas abertas e cobertas de palha, expostos aos insetos e às feras. Do lado esquerdo, a casa de aviamentos, onde o nordestino ludibriado pelas promessas de água abundante e terra fértil selava sua escravidão em tempos pós-alforria.

Ao modo das vilas citadinas, acopla-se ao conjunto uma pequena e rústica capela dedicada a Nossa Senhora da Conceição - a Casa de Rezas, cujas paredes de madeira e imagens de santos eram a única testemunha dos queixumes subalternos contra as condições pra lá de desumanas a que os imigrantes eram submetidos na missão de escoar para o exterior o ouro lácteo dos seringais brasileiros. À beira do igarapé, protegida pela vegetação e insinuada pelas flores, a romântica Casa de Banho, com a banheira renascentista trazida da Europa, a cortina de renda diáfana semi-ocultando a nudez das damas dos coronéis, envoltas pelos saís de banho e perfumarias também importados, que os criados acrescentavam cuidadosamente no preparo do ritual de higiene e beleza.

Cada objeto de decoração importado, cada embalagem de alimento ou de toucador da época, cada árvore, cada detalhe naturalmente aproveitado ou acrescido ao local parece ser parte legítima do cenário, harmonizado de forma tão realista que não é difícil se esquecer de que se trata do cenário de um filme. Até aí, só a fachada. A ferida amazônica mesmo, se esconde atrás da mata. As trilhas pelas árvores centenárias e gigantescas ao redor e pela mata densa levam aos fundos do seringal e à riqueza cobiçada no ciclo da borracha, motivo de histórias de conquista e miséria humana.

A guardiã desse cenário dos idos de 1912, digno de uma epopeia de Humberto de Campos, Euclides da Cunha ou Fitzgerald, é uma senhora de 63 anos, de corpo franzino e aparência

enganosamente frágil, que veio do Sul para o Norte nos anos 70 a fim de trabalhar no Governo Federal e adotou para sempre a floresta amazônica. Natural de Imbituba, em Santa Catarina e formada na Faculdade de Pedagogia de Porto Alegre, no Estado gaúcho, Judith Guimarães Vieira recebeu em 2001 a incumbência de organizar no cenário especialmente montado para a adaptação ao cinema da obra maior de Ferreira de Castro, A selva, o primeiro museu do seringal do país.

Foi assim que a produção global para o longa-metragem de Leonel Vieira acabou plantando no coração da selva amazônica um laboratório cênico para quem quiser reviver a um só tempo a barbárie da conquista e a grandeza da tragédia humana que marcou a vida do escritor português. De teor autobiográfico, a obra já é em si, cenário psicológico para o acerto de contas do escritor com sua traumática experiência de juventude, quando passou quatro anos no Seringal Paraíso, próximo ao rio Madeira, em frente à cidade de Humaitá, na Amazônia. No município, uma estátua foi erguida em sua homenagem e um grupo de moradores criou uma associação de leitores de A Selva.

Fugindo à crise econômica na Europa, aos 19 anos, Alberto, o personagem principal de A Selva, pede apoio ao tio, dono de uma rede de hotéis no Rio de Janeiro. Depois de hospedá-lo por vários meses sem que o jovem encontrasse emprego, o tio embarca-o em um trem de nordestinos que vão trabalhar e povoar as novas terras. A narrativa, publicada bem mais tarde, ajudou o escritor a expurgar essa vivência arcada pelo horror da doença, da fome, da privação, do trabalho extenuante e injusto. E fez de Ferreira, jornalista como o brasileiro Euclides da Cunha, um escritor precursor do neo-realismo em Portugal e baluarte de uma literatura comprometida com a denúncia da realidade social.

Foi preciso que um estrangeiro se ocupasse de narrar a saga dos protagonistas dessa história para que o Brasil tivesse finalmente uma obra voltada para o homem devorado pela ambição dos exploradores da pepita branca e não focada apenas na natureza e geografia amazônicas. Uma síntese do reconhecimento à obra aparece na célebre crítica de Afrânio Peixoto: "Este escritor português escreve um livro brasileiro. A selva é a floresta amazônica, que os brasileiros ignoram e, mesmo os que a viram, dentro dela, Euclides da Cunha ou Humberto Campos, lhe passaram ao largo do espírito (...) Não há um debuxo, uma pintura, vasta e poderosa tela que a tenha riscado, colorido, sombreado, para a nossa evocação distante, de leitores e admiradores, como nesse filme ideal, esse romance vivido e vivo de Ferreira de Castro". O próprio Humberto Campos o consagraria no célebre prefácio, exclamando ao chegar ao fim da leitura: "A Amazônia está aqui!"

Se o português Ferreira de Castro perseguiu na literatura a alma do homem aprisionado e devorado pela ganância das elites, a catarinense Judith faz do trabalho no museu Vila Paraíso o sacerdócio de seu amor pela Amazônia e seu compromisso

com a humanidade. “Nós devemos amar os homens”, diz o diálogo de encerramento de A curva da estrada, outro romance dentre os 32 que o autor publicou, muito distantes, porém, da qualidade literária de A Selva e Os Emigrantes.

A guia pede que eu e minha irmã Elisa Wandelli, bióloga da Embrapa em Manaus, nos apressemos para acompanhá-la no final de um tour com os turistas pelo seringal. Quando finalmente sêntamos à varanda do casarão para conversar está exausta. É domingo à tarde e até o horário de fechamento do museu, Judith terá atendido aproximadamente 200 pessoas, incluindo um grupo de 50 franceses que esteve pela manhã e outro de alemães que acabou de chegar. E há ainda uma lancha com um grupo grande de manauaras se aproximando do cais, como ela própria observa aflita...

O semblante fatigado e as queixas contra a falta de pessoal de apoio contradizem o corpo lépido, que se movimenta de um lado para outro, e a mente que tudo assunta. Terna e enérgica ao mesmo tempo, a aquariana passa orientações aos funcionários, ciceroneia uma família de turistas, ajeita uns detalhes da decoração. Entre os visitantes que aportam no seringal de quarta a domingo, a maioria é catarinense, paulista, mineira, paranaense e estrangeira, muito mais do que manauaras. “Falta divulgação nas escolas de Manaus e valorização da cultura regional para a cidade”, reivindica.

Espécie de pesquisadora, sertanista, professora, historiadora, bióloga, antropóloga, administradora, faz-tudo, Judith não é apenas guardiã e gerenciadora do templo amazônico da borracha, mas da memória de cada objeto trazido pelo museu, que ela própria cuidou de localizar e arrecadar. Sobre a mesa de jantar, de tampo de ônix escondido pela toalha de renda, estão elegantemente dispostos os talheres de prata francesa, o cristal italiano e o saca-rolha japonês.

Ao assumir o gerenciamento do museu, fez questão de reunir uma antiquaria a altura da época, para mostrar o contraste entre a miséria dos seringueiros, mantidos a pão e água, e a ostentação dos coronéis. “Os móveis e utensílios vinham de diferentes partes do mundo no mesmo barco que levava nossa borracha para o exterior”, explica. De segunda a terça, quando o museu não abre ao público, Judith vai a Manaus pesquisar mobiliários e utensílios para manter o trabalho de ambientação. Na sala de estar, sobre o piano alemão, fotos de membros de família de seringalistas com as roupas muito alvas e brancas, que eram desígnio de riqueza e poder. “Depois de usadas, eram enviadas com o carregamento de borracha à Europa para serem devidamente lavadas”, diz a guia.

Da habitação do coronel vamos para os fundos, conhecer a Casa do Seringueiro, destinada aos que se fixavam na fazenda

e assumiam funções como a de capataz. O chapéu de palha na parede, a rede no lugar da cama, a maringa de água, as acomodações muito humildes, enfim, contrastam de novo com a vida das elites da floresta. Conta Ferreira de Castro que quando conquistava a confiança do patrão, o seringueiro podia trazer a mulher pra morar na fazenda, mas o preço era dividi-la com ele na cama. Mais pra dentro da mata, a Casa da Farinha, onde os explorados produziam o próprio alimento. Descendente de italianos e portugueses que trabalhavam em engenho de farinha em Imbituba, a sertanista demonstra com facilidade todas as etapas na preparação artesanal da farinha, colocando ela mesma a funcionar as prensas onde os imigrantes perdiam os dedos e simulando a mistura no grande tacho de madeira.

O momento mais dramático da peregrinação é o que reconstitui o caminho às seringueiras. Antes de entrar na mata, sempre à noite para que o látex não estancasse com a luz do sol, o seringueiro passava no Barracão de Aviaamentos, a fim de se preparar: um facão para cortar os barços da trilha, um chapéu de lamparina, jamanxi (mochila de palha), água, sementes, farinha de mandioca. Em uma mesa atrás do balcão fica exposto o guarda-livro, relíquia histórica onde o capataz registrava a entrada e saída de mercadorias à venda: feijão, sal, açúcar, café, vinhos. O saldo, claro, era sempre muito desfavorável ao trabalhador, que logo ao entrar no seringal devia mais do que o salário prometido. Assim se institucionalizava uma prática de roubo e escravidão ainda hoje perpetuada por estes brasis feudais.

“Para mim era o pior tipo de escravidão”, afirma Judith. E se justifica: “Os negros

trabalhavam em grupos e tinham um valor como mercadoria; os seringueiros se embrenhavam sozinhos na floresta à noite. Sua vida não valia nada... Se o negro morresse, era prejuízo para o patrão, se o escravo branco morresse de fome ou de malária na selva, ou ainda assassinado pelos jagunços, era devorado pelas feras e ninguém reclamava o corpo...”

Na trilha dentro da mata, Judith pára e pede solenemente que todos se aproximem para sangrar de uma só vez a árvore. Depois de perder a seiva, a seringueira só poderá ser reutilizada para extração dentro de 15 anos, explica ela, em tom grave. O bocal de uma pequena tigela de latão é fixado ao corte para aparar o leite da borracha. Cada seringueiro era obrigado a extrair de 200 a 280 tigelas do leite por dia para coletar 50 quilos de borracha por semana, ela informa. No retorno, o trabalhador passava pelo Tapiri de Defumação da Borracha, um engenho para preparação do látex, que era enrolado em forma de pela, imitando o formato de um pequeno botijão. Embaladas em pelas, a riqueza amazônica escoava em toneladas para as divisas e com elas a vida e o pulmão dos seringueiros.

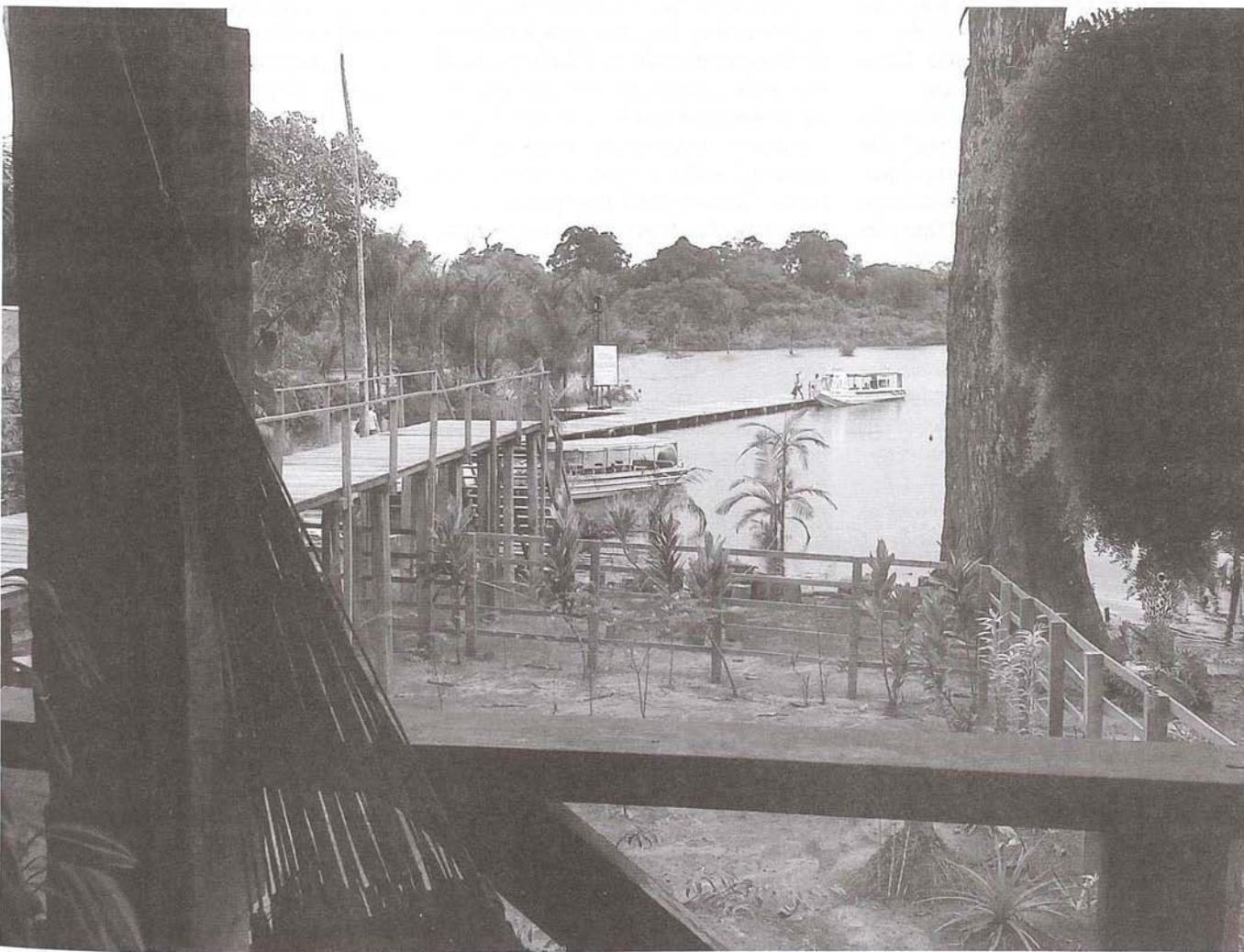


De Porto Alegre, a guardiã do seringal foi trabalhar pelo Projeto Rondon no campus avançado da PUC em Benjamin Constant, na fronteira do Brasil com Peru e Colômbia. Em 1976, foi contratada pelo Ministério do Interior para promover a fixação da mão-de-obra na Amazônia pelo período de um ano. Na sequência, a catarinense recebeu novo convite do então governador Gilberto Mestrinho, que faleceu no dia de nossa reportagem, a fazer parte da equipe técnica multiinstitucional do Instituto de Cooperação Técnica Intermunicipal (ICOT). "Prestávamos assessoria aos prefeitos dos novos municípios na área de planejamento", conta ela, visivelmente abatida com a notícia da morte.

Essa atividade ajudou-a a desenvolver um conhecimento geral sobre o Brasil em relação às diversas políticas públicas: saúde, educação, saneamento, infraestrutura, alimentação. Aposentou-se em 1986 e seis anos depois o governador do

Amazonas, Amazonino Mendes, encarregou-a de gerenciar o museu.

Uma parte da sua equipe permaneceu em Manaus para conseguir os pertences em famílias de seringalistas e parentes de seringueiros, outra ficou no Vale Paraíso organizando o que já havia. "Apesar da produção, o filme vulgarizou a narrativa do livro porque deu um destaque exagerado às cenas de sexo, enquanto o teor histórico e político ficaram só de cenário de fundo", critica, enquanto mostra a essência que acaba de encontrar em uma árvore centenária: formiga tapinha, que esfregada à pele, produz um odor marcante, conhecido por perfume de índio. Os personagens de A Selva utilizavam esse perfume para repelir o cheiro humano e assim afastar as feras no trabalho noturno, explica a gerente do museu, que há 33 anos longe de casa adotou outras terras e aprendeu com o seringueiro e tirar da adversidade as estratégias para a sobrevivência.



20 Ações de liberdade

Por Raul Fitipaldi, de Florianópolis

Não vou rabiscar nesta edição uma sala de palavras sobre o sacrifício de editar a publicação que nos reúne, porque tem sido óbvio o esforço das colegas para obtermos a marca de 20 edições. Por outro lado, ninguém as obriga a gastar dinheiro do bolso cada dois meses para escrever, fotografar, editar e publicar desde uma perspectiva totalmente diversa da predominante. O fazem porque entendem que assim deve ser e para isso escolheram esta profissão de jornalistas e escrevedoras. Inclusive, essa ação as obriga a cumprir com outras tantas demandas geradas pela sua ousadia. No entanto, se faz preciso avançar na compreensão do que leva a construir este tipo de serviço.

Em todo caso, fugindo da discursiva messiânica da esquerda institucional, mediatizada no uso mais medíocre da linguagem, onde se perde o sentido das palavras essenciais: Povo, Massa, Coletivo, Operário, Educador, Líder, Partido, Organização, Luta de Classes, e barateiam-se como Consumidor, Eleitor, Grupo, Funcionário, Professor, Presidente, Estrutura, Humanização do Sistema, estas loucas da Companhia dos Loucos acometeram com 20 Ações de Liberdade, publicando 20 vezes uma revista que não deveria ter durado mais de uma edição. Que significa este gesto?

Ocorre-me que primeiro e principalmente significa que se umas pessoas o desejam há mecanismos para ser Soberano na Partilha das Informações sem ficar à mercê dos protocolos dos monopólios da informação. Embora, por enquanto, não lhe façam cócegas, mas subsistindo até esperar o momento de um salto de qualidade em cima do pescoço do poder. E

pode isso acontecer em todas as linguagens que a técnica jornalística oferece, das mais simples às mais sofisticadas que estejam ao alcance, por uma razão singela: distintamente da esquerda institucional que jamais levou a sério porque não entendeu (ou achou por bem não entender) a importância de criar meios independentes do domínio do capital privado ou do estado, e sim dos produtores da riqueza, estas colegas tem VONTADE POLÍTICA, o que determina a Política Comunicacional que se leva à frente.

A publicação que você está lendo neste momento é PARCIAL. E não nega. Não des cansa no confortável leito do objetivismo, da isenção, do alternancismo, do modismo, dos eufemismos surrados, da estética bela e prazerosa dos bem nascidos e dos bem comidos (escolha o sentido, eu falei desde a perspectiva alimentar). Este 'bando de loucos', como diriam os corinthianos (não sou tal), tem clareza de que os ricos, as classes médias e os serviços já tem seus meios de comunicação, não precisam buscar objetividade aqui. Esta publicação demonstrou nas suas 20 Ações de Liberdade que não está para ser mais uma macaca em tão decadente auditório. E então circula em preto y branco, e então se contenta em 24 páginas, e mais então ainda, dedica, às vezes, quase a metade da publicação à resistência cultural, social e política de uma comunidade. Que tal marechal?

A liberdade que aqui ostentamos confortavelmente, que é editorial, política, jornalística, incomoda, venda-se ou não a publicação na sua totalidade. E incomoda não à direita arcaica, atroz, repressora, essa nem sabe bem que a publicação existe; incomoda à esquerda cortesã, burocrata, vertical, machista, assimilada e partener do sistema. E há dessa em toda parte. Nos lugares mais rebeldes inclusive. Repetindo aquele discurso manjado, com franjinha genérica que o povo não entende e faz bem em não entender nem assimilar. Essa "massa votante" que tanto nos preocupa virá um dia de assalto e ficará com a rédea da justiça, até porque do contrário a espécie desaparecerá, a Terra desaparecerá. E, de fato, essa massa multiforme já está tomando conta, aos poucos, das rédeas, onde dirigentes reconhecidos pela população, estudiosos, éticos, rigorosos com a análise dos tempos, começam a abrir caminhos para alternativas de sociedade que incluem, dentre outras coisas, grandes debates (sem cardápio preparado, servido e digerido) de Comunicação Popular.

De Soberania Comunicacional se trata, e quando ao Brasil-brasileiro chegar esse momento, que um dia chegará, estas publicações libertárias, parciais do lado do pobre, do fraco, do marginado, do excluído crescerão, se multiplicarão, e a esquerda institucional vai querer essa mençãozinha que hoje mendiga na RBS e, às vezes, entre palavras-cruzadas lhes é concedida, em troca de manter as formas.

Colegas, queridas cumpinhas, Viva estas 20 Ações de Liberdade! Novas primaveras surgirão na Abya Yala.



Cheiro de mar grosso

Por Miriam Santini de Abreu,
de Florianópolis

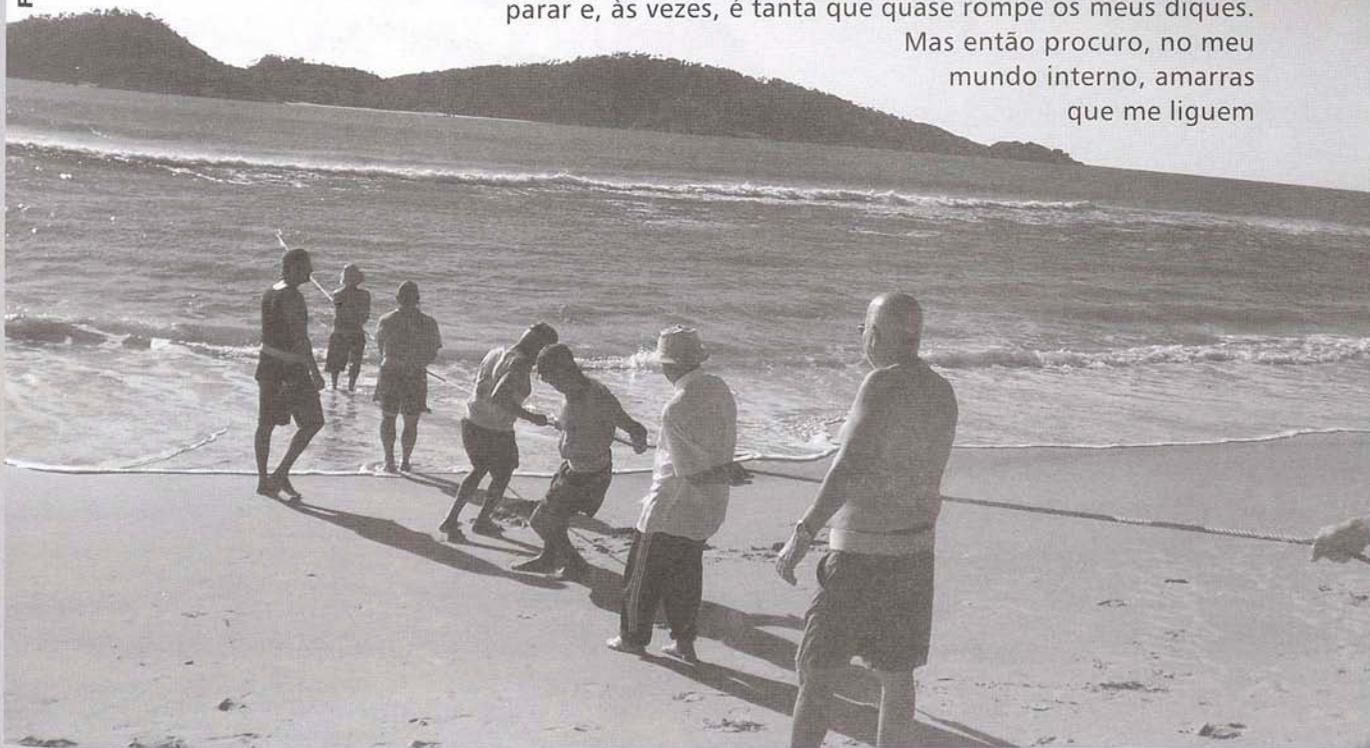
Dia desses um colega de trabalho se saiu com essa: - Ai, teu cabelo tá com cheiro de mar grosso! Também, morando lá no Campeche...

Seria mesmo que meus tingidos pêlos estivessem a denunciar a mudança do asfalto para a praia? Pois eu, há poucas semanas moradora dos altos da Ivo Silveira, a agitada avenida que liga a Ilha ao Continente, agora vivo separada do mar apenas por uma quadra e uma duna. Esse deslocamento tão brusco do corpo serviu para me fazer sentir o quanto mudar de espaço geográfico pode também desalojar a alma.

Eu era vizinha do cemitério São Cristóvão, e aquelas lápides baixas serviam como memento mori (expressão latina que significa “lembra-te que morrerás”). E eu me ocupava de viver. Atravessava a Via Expressa para ir a Coqueiros, descia ao Abraão, qualquer ônibus me levava ao Centro, porque quase todos passam por ali. Aquele mundo veloz, de concreto, na sua feiúra, me pertencia. Entendíamos-nos.

E então vim para essa inquietante planície no Sul da Ilha. Sim, também é Florianópolis, mas quem chega no Campeche já não sou mais eu. É outra. À medida que o primeiro ônibus que uso se distancia do Centro, e o segundo se afasta do Terminal do Rio Tavares - ponto de baldeação – uma segunda vida me toma. Nela a pressa é desnecessária, os olhos ardem de tanta luminosidade, a solidão goteja sem parar e, às vezes, é tanta que quase rompe os meus diques.

Mas então procuro, no meu mundo interno, amarras que me liguem



Fotos: Miriam Santini de Abreu

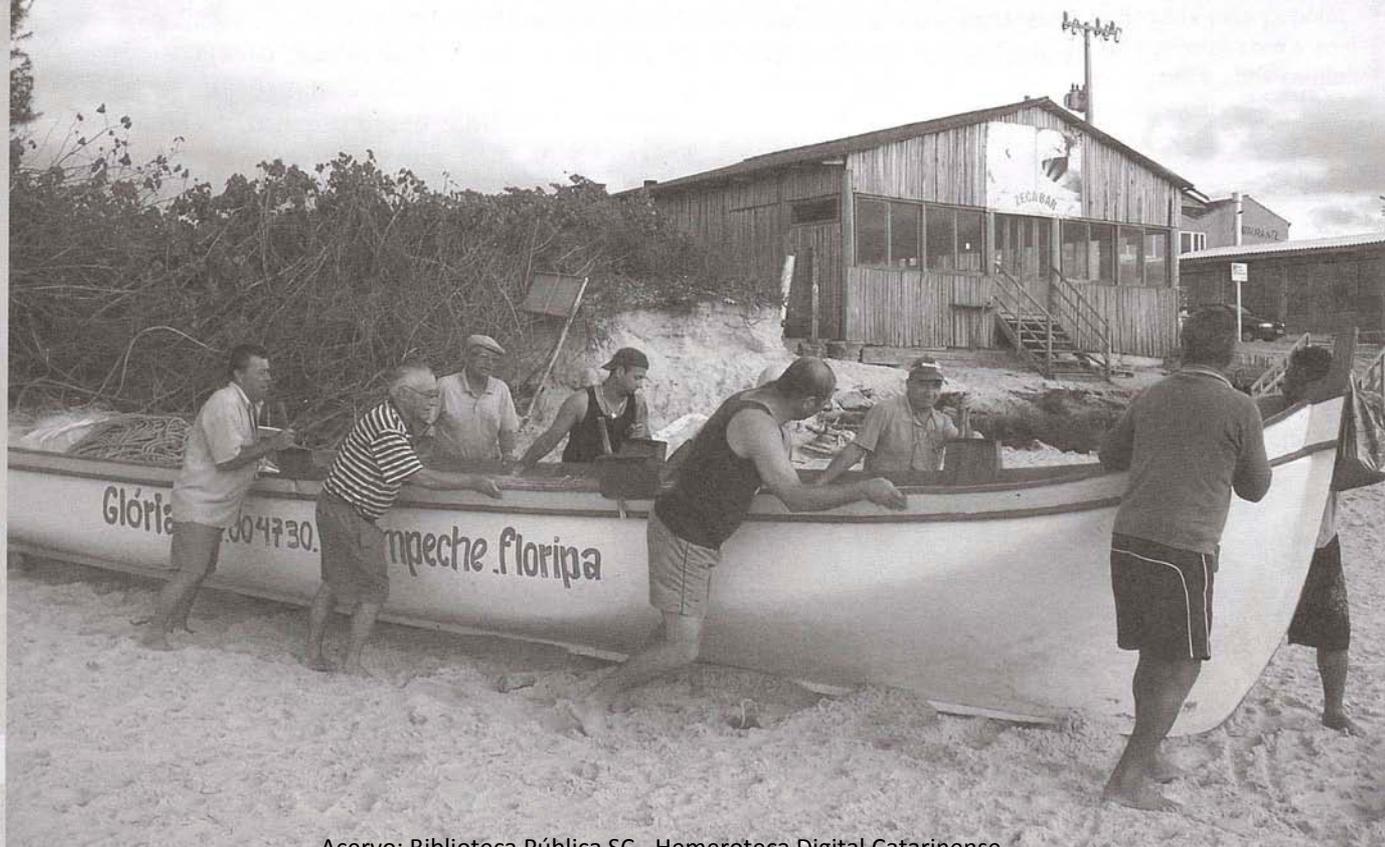
a esse novo mundo externo. Aquela fragrância na Rua dos Eucaliptos, as veredas arenosas que vivo a confundir e assim me levam a diferentes lugares, o som que penso ser do mar e que escuto quando não estou distraída, tudo amacia as fragrâncias, veredas e sons do meu mar interno. Às vezes naufrágio, às vezes águas mansas.

Houve uma manhã e um início de noite em que fui à praia observar a pesca artesanal de arrasto. Tudo ali um ritual antigo, arte do mundo viril, como bem definiu Elaine Tavares – também campechiana. As vozes de comando dos homens, o modo como seus músculos se retesam para dar ao mar a dura madeira das canoas, o ritmado gesto de puxar a rede, tomam a areia, as dunas, perdem-se na memória coletiva dos fazeres marinhos.

Tomados de suas vidas, presos nas malhas, os peixes produzem um estranho chiado ao se contorcer na areia. As gentes gostam de olhar, os braços cruzados atrás das costas. Aquele chiado me inquieta. Um outro memento mori.

Eu capto cada gesto para reforçar as amarras. Mundo interno, mundo externo. Vejo vir ali, ainda no pouco que resta da claridade do sol, um carretão azul no qual os pescadores depositam as redes. Vai um a puxá-las, outros a empurrar o veículo, e conforme se afastam parece que homens, redes, peixes, carretão, tudo se funde, parte água, parte céu, parte restituída de um mundo outro onde homens e natureza se compreendem.

E eu, eu vou para casa, com cheiro de mar grosso na alma.



Ana Castro de Jesus Leão Beeck,
avó de Fernando Karl,
faleceu às 22h30 do dia 3 de
novembro de 2009 na ilha
de São Francisco do
Sul/SC.

Por Fernando José Karl,
de São Bento do Sul

Fotos: Heloísa Espada



Soneto triste para Ana

queima
a ausência irremediável de Ana
queima
não pode haver consolo se o adágio
cessa
se o vento cessa no meio do mar

queima
nunca mais os pés escalavrados de
Ana
não pode haver consolo: os verdes
olhos escurecem
se os tímpanos nunca mais escutam
a hora do angelus

queima
as janelas fechadas
apenas um metro de mar soube que
Ana nunca mais

queima
nunca mais a sombra de Ana
pelo chão
nunca mais a voz de Ana que
tecia um nó de ouro no ar



Honduras segue firme na resistência

Depois do golpe militar em junho deste ano, no qual foi deposto de forma ilegal o presidente Manuel Zelaya, muita água rolou pelo moinho das negociações. Zelaya entrou no país, asilou-se na embaixada do Brasil, conversou com a ONU, com os Estados

Unidos, com Deus e o mundo. Os golpistas endureceram, amoleceram, fecharam acordo, não cumpriram. E o povo segue nas ruas, resistindo, lutando. No mês de novembro, o governo golpista realizou eleições. Teatro de quinta. Nenhum candidato de qual-

quer partido sério. A esquerda decidiu não participar. Só os lacaios do poder. Eleição ilegítima, governo ilegítimo. Os golpistas seguem reprimindo, batendo, matando. Mas Abya Yala não se renderá! Honduras haverá de ser livre, pelo braço de sua gente!...

Poema sonhado

Para fruir, um poema de Stefano Colucci, menino ainda (14 anos) e tão profundo.
<http://www.youtube.com/watch?v=RZTrDkNxztc>

Umás e outras

FAZENDO AS CONTAS - Propaganda de uma clínica na TV diz que um terço dos homens sofre de ejaculação precoce e que 52% com mais de 40 anos têm problemas de ereção. Se colocarmos aí mais uns 10% que são homossexuais, as mulheres heterossexuais têm toda razão: sobram só 5% de homens que dá pra elogiar na cama.

DEU NA IMPRENSA - Três genes humanos evoluíram a partir de "lixo genético", diz estudo. Olhando bem para alguns políticos brasileiros, parece ter sido o DNA inteiro.

NÃO TÁ NEM AÍ - Político não perde a vergonha. No máximo, esquece onde largou.

AO PÉ DA LETRA - Mecânico, geralmente, é um sujeito que come com os óleos.

OLIMPIADAS 2016 - No boxe são três assaltos de três minutos. Ou seja, é quase nada para quem vive no Rio de Janeiro.

SOM FAMILIAR - O tiro de partida das corridas de atletismo é com arma calibre 32. No Rio, já que o povo está mais acostumado, que tal usar o fuzil AR-15?

TÁ NO PONTO - A crise deixou o Senado de mãos atadas. Só falta providenciarem as algemas.

MAIS APROPRIADO - É tanta lama no Congresso que os próximos eleitos serão todos empoçados.

SALADA MISTA - Na hora do pepino, quando é preciso descascar o abacaxi, pisando em ovos com todo o cuidado, são poucos os que seguram a batata quente sem enfiar o pé na jaca ou pisar no tomate.

DIVÓRCIO PELA INTERNET - Ah, as facilidades da tecnologia! A Comissão de Constituição e Justiça do Senado aprovou projeto que autoriza o uso da internet para acelerar os processos de separação judicial e divórcios. Pela proposta, o casal poderá dar entrada nesses processos sem precisar se deslocar a um fórum ou cartório. Para entrar em vigor, a matéria depende de aprovação na Câmara e sanção do presidente da República. Ou seja: casou, não gostou, dá um "enter" e parte pra outra.

ANTIGO - Sou do tempo em que o arco-da-velha ainda era novo.

Por Celso Vicenzi,
de Florianópolis



Celso Vicenzi, jornalista, já foi presidente do Sindicato dos Jornalistas/

SC, Prêmio Esso de Jornalismo e atualmente assessora um sindicato e uma cooperativa de crédito.

Ela não se cansa

para minha avó e madrinha Zilca Fontão Rateke

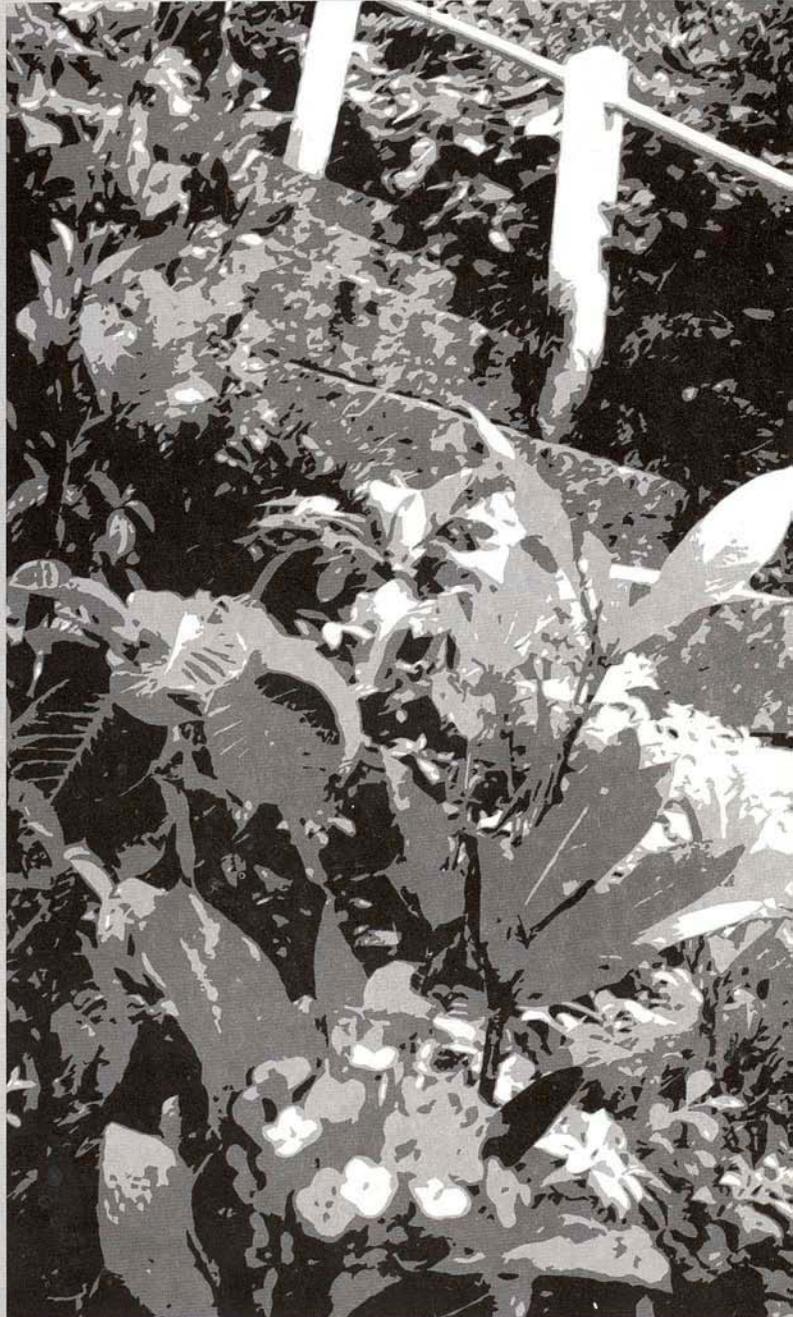
Por Rosangela Bion de Assis,
de Florianópolis

No barranco tem flor.
No barranco tem árvore.
No barranco tem tanta vida,
porque tem uma vida que não se cansa.
Ela se dobra como os galhos novos.
Mas não cai como as folhas cansadas.

No barranco tem escada de pedra.
E pelos degraus altos sobem ainda mudinhas.
E quem quiser levar um pouquinho de verde.
Sai de lá com os braços carregados.
Porque a vida que insiste
Ama compartilhar a vida que fez brotar da terra.

No barranco já brincou filho,
escorregou neta,
agora sobe genro, bisneto e nora.
No barranco a vida se arma de facão,
se arranha nos espinhas,
se lambuza com a nódoa.
e espalha sua energia, mais farta que a folhagem.

No barranco tem um portão
que não impede a passagem.
Ninguém segura a passagem da vida que prossegue,
chupando muitas laranjas,
servindo cafezinho e
levando seus dedos verdes para caminhar pela cidade.
Os olhos conseguem ver até as formigas miúdas.
O coração busca novos motivos
pra continuar semeando seu compasso,
a cada novo dia.



ARTISTAS...

Mahara Miranda de Aguiar,
de Santo Amaro da Imperatriz

Paz e guerra,
Amor e ódio,
Vivo e morto,
Sol e Lua,
Noite e dia,
Bom e ruim,
Acompanhado e solitário,
Sábio e louco,
Velho e novo,
Claro e obscuro,
Cão e gato,
Sim e não,
Doce e salgado...

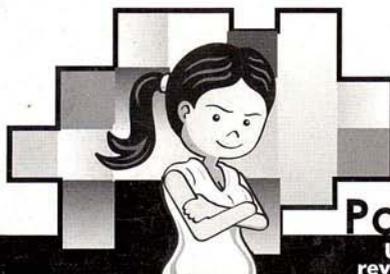
Tudo se funde,
Quando se busca inspiração.
Seja para o poema,
Ou seja para a pintura.
Tudo é igual,
Não há diferença no mundo,
Para os artistas.
Podem ser loucos por este
pensamento,
Ou talvez,
Sejam apenas...
Revolucionários.

Foto: Marcela Cornelli



**Nas asas da América Latina
na página 14**

**Na margem esquerda do rio
Negro, uma história amazônica
na página 18**



**Pobres &
Uma
revista de
classe** **Nojentas**